

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço telegraphico: DIROA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES — 2 0271, 2 0273 e 2 0275

Endereço telegraphico: DIROA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

O NOVO «HISSOPE»

A resposta notavel de dois insignes juristas

A discussão que abrimos, nas colunas do Diário de Lisboa, sobre o caso de «Miss Portugal 1930» tem ao menos esta vantagem—chamar os competentes a pronunciarem-se num assunto que necessitava de ser debatido e esclarecido. As respostas dos srs. drs. Cunha Gonçalves, Barbosa de Magalhães, Tito Arantes e Santos Lourenço impressionaram o publico—principalmente o que não se limita a ler, mas a reflectir e a opinar.

Publicamos hoje o notabilissimo parecer com que os srs. drs. Martins de Carvalho e Abel de Andrade gentilmente corresponderam á consulta que tivemos a honra de lhes dirigir. Trata-se duma peça juridica digna de mestres: além da rigorosa apreciação de factos, ha nela um aspecto doutrinal que esgota o assunto. Quem assim se explica, aliando á segurança do raciocínio e ao selecto material de erudição o segredo de escrever a nossa lingua, com tão luminosa e expressiva concisão, pertence á categoria de privilegiados do fóro e do magisterio superior.

Muito poderíamos dizer a respeito de qualquer dos dois illustres juristas, mas a modestia manda-nos guardar silencio e convidar os nossos leitores á apreciação do documento que a seguir inserimos:

Consulta

O Diário de Lisboa, que pertence á Renascença Grafica, sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade, promoveu em 1930 uma especie de concurso preliminar para escolha da senhora portuguesa, que nesse ano deveria apresentar-se no Rio de Janeiro no concurso internacional de beleza.

Foi designada a senhora que aí devia apresentar-se e classificada outra senhora em segundo lugar.

Esta ultima propôs acção contra a Renascença Grafica e contra a candidata eleita, para haver perdas e danos. Funda-se a acção em que a eleita não era elegivel em razão da idade, em que ao juri se não tinham apresentado em conjunto todas as senhoras sobre quem devia recair a votação, e em que tinha havido manifesto favor para com a eleita.

Partiu do pressuposto de que, demonstrada uma das suas arguições, deveria, como segunda classificada, ter-se por substituída á concorrente que obtivera a primeira classificação, e haver para si as vantagens que esta porventura tivesse obtido.

Juntam-se exemplares dos numeros do Diário de Lisboa de 1930, que se occuparam no concurso e sua preparação, e bem assim dum suplemento ultimamente publicado por este periodico.

Pergunta-se:

Procede a acção referida? Podem ser julgados responsaveis para com a A., a Renascença Grafica e a senhora designada em 1930 para se apresentar no concurso internacional do Rio?

Parecer

I

Para que a acção, a que a consulta respecta, pudesse proceder, seria mister que se houvesse por nula a eleição feita, e se considerasse a A. eleita em vez da senhora sobre quem a eleição realmente recaira.

E', porém, certo—e tanto basta para fixar todo o fundamento á pretensão da A., que ainda no caso, redondamente negado, de se tratar de contrato e de haver motivo para anular a eleição, nem por isso daí resultaria necessariamente a substituição dessa dama á senhora realmente eleita.

Quais os factos, de que poderia resultar para a segunda classificada o direito de se haver por substituída á primeira, no caso de nulidade da eleição desta ou de lhe ser impossivel comparecer ao concurso internacional do Rio de Janeiro?

Semelhante direito dependeria de ter a gradação em segundo lugar sido prometida no programa do concurso, e de, pela propria natureza deste acto, não ser excluída a substituição, necessaria e para assim dizer automatica, da segunda á primeira classificada, nos casos indicados.

Se o programa do concurso annunciou tão somente a designação da concorrente com direito a recompensa, e não a classificação doutras em segundo, ou até terceiro ou quarto lugar e assim sucessivamente, nenhuma consequencia juridica pode ter a gradação pelo juri feita, em segundo lugar, dalguma dentre as candidatas. Quanto ao concurso promovido pelo Diário de Lisboa, não se prometeu senão a designação da senhora portuguesa que ira apresentar-se no concurso internacional do Rio de Janeiro. Nem de longe nem de perto, se prometeu ou previu no programa a gradação de outras concorrentes.

«Das senhoras, nas condições referidas, que forem julgadas condignamente como candidatas pelo Diário de Lisboa será eleita, em votação secreta, por um juri português idoneo, de artistas e homens de letras, aquela que terá de representar o nosso país»

Assim se dizia nas chamadas condições do concurso publicadas nos numeros do Diário de Lisboa de 4, 5 e 7 de julho de 1930.

Não se prometia, portanto, a designação de algumas dentre as concorrentes e sua gradação para que a primeira classificada se apresentasse no concurso internacional.

Poderia, pois, qualquer delas ter em principio direito á anulação do concurso se este houvesse revestido natureza juridica. Nenhuma delas teria, porém, direito de, nos casos já indicados, occupar o lugar da eleita, a pretexto de se lhe seguir immediatamente na gradação.

De semelhante gradação nenhuma promessa se fizera. Não havia, por

consequente, obrigação de graduar duas ou mais dentre as concorrentes, para se substituírem por ordem da classificação. Qualquer gradação que se fizesse, seria acto meramente gracioso, e não poderia de modo nenhum obrigar a empresa que abriu concurso. Não tendo a Renascença Grafica prometido nem previsto a gradação de duas ou mais dentre as candidatas, não poderia responder nunca por quaisquer consequencias juridicas que, mais ou menos rigorosamente, pudessem deduzir-se da gradação.

Na acta do juri, depois de se dizer haver sido escolhida por unanimidade a senhora D. Fernanda Gonçalves, acrescentou-se «A seguir foi classificada a exm.ª sr.ª D. Maria Madalena de Sá Teixeira».

Se esta declaração pudesse ter quaisquer efeitos de direito, por eles nunca responderia, pois, a empresa, que promoveu o concurso. Não sabemos se, entre os membros do juri que assinaram a acta, alguns haveria que em 15 de julho de 1930 pudessem representar a Renascença Grafica. A verdade é que não intervieram no acto, nem assinaram o documento em nome e representação de tal empresa, mas como membros do juri.

Por outro lado, seria absurdo atribuir ao juri o proposito de tomar para si quaisquer responsabilidades juridicas, ao classificar a sr.ª D. Maria Madalena de Sá Teixeira, que é hoje autora da mencionada acção. Fazendo o que não estava annunciado nem prometido no programa, propôs-se apenas dar uma prova de consideração áquella senhora, e certamente mostrar que não escasseavam em Portugal damas, que satisfizessem ás condições do concurso do Rio.

A gradação da sr.ª D. Maria Madalena de Sá Teixeira não correspondeu ao cumprimento de obrigações juridicas tomadas no programa do concurso, e constituiu, com relação á sr.ª D. Maria Madalena de Sá Teixeira, simples e comprehensivel prova de deferencia e consideração.

Ainda quando, porém, tal gradação resultasse—que não resultava—do programa do concurso, nem ainda assim pertenceria á graduada em segundo lugar o famoso direito de se substituir á primeira nos casos, de que se tem feito menção.

O direito á substituição era, na verdade, de todo o ponto incompativel com a natureza especialissima do concurso.

Podiam apresentar-se em Lisboa muitas senhoras que, pela beleza, elegancia, distincção, e qualidades morais, satisfizessem os requisitos do concurso internacional. A escolhida para nelas se apresentar, por assim dizer, em nome de Portugal, devia, porém, ter as qualidades exigidas, em grau notavel, em ordem a poder dignamente emparceirar com as outras concorrentes, em quem eram de presumir dotes muito excepcionais.

Podia haver diferenca consideravel entre a primeira e a segunda classificada, até sem desdouro para esta, que era muitissimo jovem e podia estar longe de atingir o pleno desenvolvimento dalgumas das qualidades bri-

lhantes que lhe foram, certamente com justiça, reconhecidas.

Não ha, em geral, nos concursos, nem póde em especial haver nos concursos como o de que se trata, a obrigação de atribuir o premio ou recompensa a uma das concorrentes (Planck's Kommentar zum Bürgerlichen Gesetzbuch, 4.ª edição, vol. II, segunda parte, 1928, nota 3 a ao parágrafo 661 do Código alemão, pags. 1172; Cossack und Mittels, Lehrbuch des Bürgerlichen Rechts, 1.ª vol., 8.ª edição, 1927, parágrafo 215, pags. 705 e 706). E, por semelhante razão, também não ha motivo para que a segunda classificada seja, nas hipoteses referidas, substituída necessariamente á primeira, de quem pode estar, quanto aos dotes exigidos, a distancia muito consideravel.

Em geral os juristas são muito exigentes com respeito á primeira classificação, e muito menos com respeito ás outras.

Designadamente em concursos de beleza, não se pode deixar de ser por extremo rigoroso quanto á designação de quem deve de algum modo representar certo país em concurso internacional, e pode sem inconveniente haver mais benevolencia quanto ás outras classificadas: a gradação destas não tem efeitos fóra do país e não as obriga ao confronto com as eleitas doutras nacionalidades.

Designa-se uma das concorrentes para se apresentar em concurso internacional; gradua-se outras por terem decerto grandes dotes, mas... para não saírem de Portugal e não entrarem em competencia com as eleitas noutros países.

Tudo isto se daria com respeito a qualquer concurso internacional de beleza. Com respeito, porém, ao concurso do Rio, ocorriam circunstancias especialissimas, em razão das relações estreitissimas entre brasileiros e portugueses, e da existencia no Brasil da numerosa, importante e apaixonadamente patriótica, colonia portuguesa. A nossa patria, que se apresentasse no concurso, devia ter elegancia, apuro, distincção, inteligencia, instrução, afabilidade, habilidade, e distincção, que lhe fizessem ganhar a admiração e simpatia da sociedade brasileira e da nossa colonia. Sem encarecimento, devia considerar-se encarregada de embaixada, tão delicada como patriótica.

Tudo isto se assinalou no Diário de Lisboa desde a apresentação do programa.

Declarava-se logo no numero de 4 de julho de 1930: «A comparencia neste certame da mulher de Portugal, com sua frescura, sua graça, sua beleza nativa, sua indole de encanto meridional—constitui para a colonia portuguesa um motivo de alegria, um verdadeiro acontecimento patriótico, a que raros se terão comparado.

«Pode prever-se uma verdadeira loucura na colonia portuguesa do Brasil, especialmente no Rio...

«Miss Portugal, pelas circunstancias especialissimas da amizade luso-brasileira, pela força do idioma português, pela extensão e vibração da nossa colonia, e até pela emulação natural e digna que nos proprios concel-

(Ver continuação na 3.ª pagina)

TEATROS E CINEMAS

O «Pagode» no Maria Vitoria

A revista popular o «O Pagode», que já na próxima sexta-feira 30 sobe à cena no teatro Maria Vitoria, terá por «compère» o actor Soares Correia, sendo os principais papéis masculinos desempenhados por Augusto Costa (Costinha), Gil Ferreira e Henrique Alves. Do elemento feminino, e por ordem alfabética, os números de maior relevo foram assim distribuídos:

Dina Tereza: «O Bailarico»; «Aficionada»; «Joia»; «Fado de quem se quer bem»; «Rapariga dos limões» e «Alegria»; Elisa Carreira: «Portuguesa afrancesada»; «Elegante»; «Joia»; «Rapariga da gora»; «Sentimento Português» e «Alegria»; Ema de Oliveira: «Portuguesa de gema»; «Camisa Parda»; «Falsa Toureira» e «Andreza»; Filomena Casado: «Bonne»; «Elegante»; «Joia»; «Beijo de Judas»; «Escola de Amor» e «Alegria».

Os quadros do 1.º acto são os seguintes: «Portuguesa de gema»; «N.º Geral»; «Fabrico Nacional»; «A sombra...»; «Costumes Judios»; «Rua acima»; «Pé de Alferes»; «A Papo-seco»; «De chapéu alto»; «Do que as mulheres gostam»; (apoteose).

A companhia «Tró-Ló-Ló»

A companhia Brasileira de Jardi Jercolis faz as suas despedidas, no Variedades, do publico português, depois de uma brilhante temporada em Lisboa e Porto, no proximo domingo, 2, de Julho, embarcando no dia imediato, num paquete brasileiro, para o Rio de Janeiro. Até essa noite de domingo representará no Variedades, em duas sessões, a super-revista «Saudade... palavra doce», dentro da qual serão sempre, até essa altura, introduzidas maiores novidades e sensacionais surpresas.

A revista «Fogo de Vistas»

Antes da estreia, no Avenida, da sua nova revista, por isso que no programa da empresa figuram para este verão tres peças, deste genero, efectuar-se-á, dentro de dias, a apresentação da sua actual revista, «Fogo de Vistas» na sua segunda fase, envolvendo uma serie grande de numeros novos, oportunissimos, a estreia de varios quadros, de diversas rubricas e de determinados atrativos que a remodelarão completamente, de modo a constituir um espectáculo e uma peça absolutamente novas.

Atrás do reposteiro

Começaram no Variedades os ensaios, pela companhia Luiza Satanela, da revista «Pernas ao léo», com que se inaugura a temporada desta companhia, no proximo mês, neste teatro.

A artista Eva Stachino continua sendo a detentora de todo o material e guarda-roupa das peças que, como empresaria, pôs em cena, tanto em Portugal como no Brasil.

— Prosseguindo o jogo de xadrez teatral, ainda bastante baralhado, a colocação de alguns artistas que estão agora trabalhando em certos teatros ainda não está bem determinada para o futuro.

— O exito da companhia Maria Matos, no Rio de Janeiro, no teatro Carlos Gomes, tem sido

«Eva Quintana», no Teatro Nacional

A peça de Linares Rivas que a companhia Quiroga representou ontem, no Teatro Nacional, não acrescenta nada de novo à fama do illustre comedlografo espanhol. O conflito arrasta-se durante os três actos e perde muito do seu vigor através dalgumas cenas lentas e inúteis. O interesse da peça mantém-se e reside quasi exclusivamente no brilho e na vivacidade do dialogo. Mas esse mesmo encanto, que se transforma por vezes em excesso de retorica, prejudica a linha geral da acção, desviando-a do seu curso natural para a conduzir através de meandros subsidiarios e palavrosos.

A propria figura central do drama não se define nitidamente e o seu caracter mostra-se um pouco nebuloso aos olhos da plateia. As outras personagens são, porventura, desenhadas com traço mais vigoroso ou com as meias tintas que convêm ao seu caracter.

O conflito desenvolve-se no seio duma família burguesa de provincia, sem que o

ambiente seja dado por qualquer nota característica. A anedota é banal e não valia, talvez, a pena contá-la.

Se não fora uma ou outra cena em que se sente a garra teatral do festejado escritor, e nomeadamente uma deliciosa cena de comedia entre dois noivos, no terceiro acto, difficilmente se atinaria com a razão por que a illustre actriz argentina incluiu esta peça no seu repertorio.

O desempenho não podia ser mais ajustado ás rubricas da peça. Camila Quiroga viveu a sua personagem com superior intuição, marcando admiravelmente a cena final.

Josefina Roca, Caridad Marinas e Margot Casado, cada qual dentro do seu feitiço, representaram com expressiva naturalidade.

Fernando Montenegro deu-nos, num pequeno papel, toda a medida do seu valor. José G. Castro foi um galã correcto e Vicente Arifo confirmou a excelente impressão que nos deixou em «Bendita seas!»—N. L.

«A noiva da Escocia», no Tivoli

Esta opereta possui uma grande virtude: tem movimento!

E, além disto, o seu entrecho, onde não se encontra, embora pareça impossível, um unico principe, nem ao menos um conde, desenvolve-se «cinematograficamente», através de alguns planos com interesse.

Sob este ponto de vista, não se compara ás habituais produções deste genero germanico, em geral pesadas, com extensas valas e numerosos uniformes em serões de espavento.

Não se trata duma obra prima; mas vê-se com muito agrado.

Para isso, contribui, sem duvida nenhuma,

ma, a interpretação de Marta Eguert, cada vez mais elegante, mais fresca e mais sedutora.

Na verdade, a sua juventude prende. A sua leveza enche-nos de calma. E a sua voz limpa, desta vez aproveitada com verdadeira discreção cinematográfica, ajuda a completar o ambiente de simpatia que se cria no publico.

Loe Slezak, Hans Brousewetter e George Alexander muito bem.

Quanto á interpretação, embora não atinja um alto nivel, possui inegaveis momentos de interesse tecnico.

J. G. F.

tão acentuado que continua representando ainda a sua peça de estreia, tendo ainda anteriormente esgotado os lotações da tarde e da noite.

— Os autores da revista «Dominó», são apenas os escritores Pereira Coelho e Alberto Barbosa, tendo sido assim que, ha dezassete anos, ela se estreou em Lisboa, no Eden Teatro, sendo empresario uma figura muito conhecida e estimada actualmente nos meios industriais, comerciais e capitalistas.

— Dorita del Monte, que vai estreiar-se no Maria Vitoria, tem presentemente, como unica rival, tanto na America como na Europa, a «divette» Blanca Negri, que appareceu já depois de criada a celebridade daquela artista.

— No «rapido» da manhã de hoje seguiram para as terras de S. Pedro do Sul o popular actor Carlos Leal e sua esposa.

— Vão muito adiantadas as obras de adaptação e alindamento que se estão efectuando no teatro da Trindade, no qual se vai criar de novo, na 2.ª ordem, um novo lugar de balcão, resurgir a sua antiga geral, e colocar, para os espectadores dos lugares da orquestra, magnificos e commodos «maples».

— Ao espectáculo de ontem, no Avenida, primeira sessão da revista «Fogo de Vistas», assistiram 300 ingleses.

— E' hoje que em S. Carlos se representa, pela ultima vez, a peça «Alfama», de Antonio Boto, que vai em festa artistica da distinta actriz Amelia Pereira.

— Foi entusiastica a manifestação que o publico fez ontem no Coliseu ao lutador Manuel Grilo, o conhecido atleta português que desafiou para a luta Pancræo todos os lutadores que se encontram entre nós.

— Continuam sendo muito apreciados os numeros de variedades que antecedem as lutas no Coliseu.

— E' digna de todo o elogio a empresa Rey-Colaço-Robles Monteiro, pelo empreendimento que realizou, proporcionando aos admiradores de bom teatro, noites inolvidaveis de arte, após ter fundado brilhantemente a temporada da companhia portuguesa. Depois de muitos esforços, a empresa do Nacional conseguiu que a Companhia Quiroga accedesse ao pedido que lhe fôra feito de prolongar por mais alguns dias a sua estada em Lisboa.

BOLSA DE LISBOA

27 de junho
CONTADO

VALORES	Eletuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923	1.094\$00	1.093\$00	1.095\$00
5 1/2 % 1923	96\$00	95\$00	96\$00
Externo 3 1/2 % 1.ª Serie	1.317\$00	1.316\$00	1.318\$00
3 1/2 % 2.ª	—	1.325\$00	—
3 1/2 % 3.ª	1.358\$00	1.355\$00	—
Emp. 4 1/2 % 1912	1.920\$00	1.920\$00	1.920\$00
6 1/2 % 1928-Madeira	—	—	—
6 1/2 % 1930-Consol	529\$50	529\$00	—
6 3/4 % 1930-Portos	555\$00	555\$00	558\$00
6 % 1932	993\$00	992\$00	991\$00
Accções			
Bancos			
Comercial de Lx.ª port	405\$00	—	—
Lisboa & Açores, . . .	300\$00	299\$00	302\$00
Portugal, . . .	930\$00	928\$00	932\$00
O. de Seguros			
Bonança	—	—	556\$00
Fidelidade	—	11.100\$00	—
Mundial	—	152\$00	—
Nacional	—	365\$00	368\$00
Sagres	—	740\$00	760\$00
Tagus	—	—	—
C.ª diversas			
C. P. (ordinarias)	—	60\$00	65\$00
Agua de Lisboa, port. . .	—	405\$00	425\$00
Cerveja Estrela	136\$00	132\$00	137\$00
Cimentos de Leiria	—	3\$50	—
Credito Predial	—	12\$00	12\$90
Gaz e Electricidade	252\$00	251\$50	252\$00
Navegação	—	62\$00	63\$50
Portugal e Colonias	51\$50	51\$00	52\$00
Portuguesa de Pesca	—	118\$00	120\$00
de Tabacos	223\$50	223\$00	224\$00
Tabacos de Portugal	229\$00	228\$00	230\$00
Tabaqueira	—	54\$00	—
União Electrica Portug	—	143\$00	—
Colonias			
Assucar d'Angola	250\$00	245\$00	266\$00
Busi-1.ª Emissao	—	42\$00	43\$50
— 2.ª	—	41\$50	—
Illa do Principe	—	146\$00	152\$00
Obrigações			
C. P. 6 o/o -1922	—	302\$00	308\$00
Norte 9 o/o	—	—	114\$00
7 1/2 % Trofa	58\$00	57\$20	58\$50
7 1/2 % B. Vista 1.ª	58\$00	—	100\$00
7 1/2 % B. Vista 2.ª	—	—	58\$00
Predias 6 o/o -1922 1.ª	73\$00	—	73\$20
7 o/o	100\$00	100\$00	100\$50
8 o/o	90\$50	90\$20	90\$60
10 o/o	—	24\$30	24\$50
U. Electrica Port. 7 1/2 % . .	—	—	120\$00
Busi 9 o/o	—	—	—

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 25482 Rua S. Julião, 69

CAMBIO

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	109\$80	110\$10
Paris	126\$8	127\$2
Madrid	247\$0	247\$7
New-York	25\$42	26\$01
Amsterdã	6\$21	6\$23
Berlim	1\$69	1\$70
Bruxelas	4\$51	4\$52
Amsterdã	12\$83	12\$91
Berlim	7\$62	7\$64
Praga	9\$58	9\$61
Rio de Janeiro	2\$03	2\$03,5
Libra ouro	—	—

YORK BAR

R. Serpa Pinto 23 (ao Chiado)
TEL. 2 7793

A melhor frequencia — o mais elegante, confortavel e o mais barato de Lisboa

Aos bons apreciadores de Whisky

Acaba de chegar directamente de Inglaterra nova remessa do famoso whisky em barris

«EXTRA CLUB WHISKY»

Preço: Quatro escudos
O melhor e o mais barato

Grande novidade:

O delicioso aperitivo

«CINZANITO COCKTAIL»

feito com excelente Vermouth Cinzano; preço 2 escudos

Esmerado Serviço de Restaurante
OS MELHORES ALMOÇOS, JANTARES E CRIAS
O melhor e o mais barato de Lisboa
Aberto até ás 2 horas

Vinhos VALENTE COSTA
Clarete
Vinho tinto do Douro—Telef. 2 5429

DINHEIRO

Empresta-se o maximo sobretudo que ofereça garantia
Casa forte e bons cofres—sigilo absoluto—juros convencionais
A VALORISADORA, LIMITADA
Rua das Gaveas, 19
Telefone 24609

Segure-se em
LA PRESERVATRICE

Largo da Anunciaçã, 9 — LISBOA
Evitará desgostos
Poupará dinheiro

Dr. Carlos Larroude

Especialista de doenças de ouvidos, nariz e garganta
AV. DA LIBERDADE, 129
POLICLINICA - R. Domingos Sequeira, 25

S. CARLOS

— HOJE, A'S 21,30 —

Recita da actriz Amelia Pereira com a peça de Antonio Boto

ALFAMA

PUBLICO DE LISBOA!...

ESTA SEMANA vai despedir-se do publico de Portugal no

VARIEDADES, com a revista
trepidante **Saudade... Palavra Doce!**

A Grande Companhia Brasileira

Tró-Ló-Ló

TEATRO NACIONAL

Grande Companhia Argentina de Comedia

CAMILA QUIROGA

A's 21,30 HOJE A's 21,30

1.ª representação da peça em 3 actos

«La luna en el pozo»

de Armando Moock, o aplaudido dramaturgo de «LA SERPIENTE».

Amanhã, Quarta-feira, 28:

«De mui buena familia»

A obra de Jacinto Benavente que maior discussão critica originou entre os intellectuais espanhóis.

Quinta-feira, 29

«La Dama de las Camelias»

O NOVO «HISSOPE»

OS SRS. DRS. ABEL DE ANDRADE E MARTINS DE CARVALHO
pronunciam-se ácerca do caso de "Miss Portugal 1930"

(Continuação da 1.ª pagina)

tos da beleza se estabelece, tem no Brasil uma situação como outra qualquer eleita da beleza da Europa não terá.

Podiam muitas concorrentes satisfazer as qualidades que se exigiam no concurso internacional. Podia não lhes faltar, no tocante á beleza, o caracter português, a que o juri se referiu; podiam ter a honestidade, e distincção, de que falavam as condições do concurso. Mas, para poder desempenhar a difficilissima embaizada, que era cometida á eleita, carecia esta de rarissimo dotes e de tino delicadissimo, de subtilissimo sexto sentido que seria milagre deparar-se numa concorrente de tão poucos anos, como era então a senhora que foi classificada em segundo lugar.

A designação, como segunda classificada, da sr.ª D. Maria Manuela de Sá Teixeira não supunha necessariamente que o juri a teria escolhido para se apresentar no concurso do Rio, se não houvesse sido designada outra senhora para esse fim. A primeira classificada foi designada para brilhar no concurso internacional pela sua presença; a segunda, senão para aí brilhar pela ausencia, ao menos na ideia de que não teria de desempenhar no Brasil o melindrosissimo mandato cometido á eleita.

Qualquer contrato, que a abertura do concurso pudesse presupor, havia necessariamente de se interpretar segundo os termos do respectivo programma, a natureza do acto e suas circunstancias, e conforme os usos (art.º 684 do Código Civil). As obrigações deste contrato resultantes, deviam apreciar-se segundo as suas consequências usuais (art.º 704).

Do exposto conclue-se:

1.º—Que a graduação em segundo lugar, ainda quando houvesse sido annunciada e prometida no programma do concurso, não dava necessariamente á segunda classificada direito a haver-se por substituída á primeira, quando esta fosse afastada por virtude de anulação da respectiva escolha ou por diverso motivo;

2.º—Que, de mais a mais, e como está dito, a graduação em segundo lugar não podia trazer quaisquer obrigações para a empresa que promoveu o concurso, uma vez que não havia sido prometida nem sequer prevista no programma.

II

Conforme se depreende da consulta e papeis juntos, é arguida a eleição de D. Fernanda Gonçalves a pretexto:—da idade que esta tinha á data do concurso; da falta de apresentação, em conjunto, ao juri, das concorrentes não excluidas pelas provas eliminatórias;—de favor do juri para com a candidata eleita.

Não poderiam em caso algum estas arguições justificar o pedido deduzido na acção. Com effeito, quando se provassem os factos e circunstancias apontadas, não resultaria daí para a Autora o direito de ocupar o lugar atribuído pelo uri á eleita, nem o da reparação de perdas e danos em consequencia de o não haver ocupado de facto.

Quando a apresentação em conjunto fosse necessaria, a falta dessa formalidade sómente poderia dar lugar á anulação do concurso para se proceder a outro, se o tempo e as circunstancias o permitissem. Nada, porém, assegurava que, feita a apresentação em conjunto, tivesse a A. sido preferida. Nem podia ser da competencia dos tribunais ordenar semelhante apresentação, e, substituindo-se á competencia do juri, proceder por sua vez, á eleição. Não dá o Estatuto Judiciário competencia aos tribunais para julgar concursos de beleza em segunda instancia ou até em terceira instancia *ad hoc*.

As decisões nos concursos, por via dos quais se adjudicam prémios ou recompensas publicamente prometidas, não são sujeitas a contraprova ou

revisão dos tribunais, que apenas podem julgar da existencia ou inexistencia de certas irregularidades, sem apreciar, em si mesma, a eleição (*Planck's Kommentar*, vol. citado, nota III b ao § 661 do Código alemão, pags. 1172 e 1173).

Na acta diz-se, é certo, que o juri viu as candidatas «em grupo, e isoladamente». Isso, porém, apenas significa haver o juri visto algumas em grupo, outras isoladamente, e porventura algumas em grupo e isoladamente. Não poderia querer significar o que estaria em contradicção com factos notórios.

Claramente annunciou o *Diário de Lisboa*, por varias vezes, que não haveria exhibição publica (numeros de 4, 9, 10 e 14 de Julho de 1930).

Com as fotografias, a apresentação individual das concorrentes e os confrontos, que o juri entendesse necessarios, podia perfeitamente realizar-se a escolha.

Tambem é arguido o juri de manifesto favor para com a eleita. Nesta parte, seria mister provar-se, em primeiro lugar, ter havido favor, e, em segundo lugar, que, a não o ter havido, não teria sido eleita uma terceira concorrente e sim a Autora.

Mas para nestes termos o tribunal dar como provada a arguição, presaria de desempenhar as proprias atribuições, que haviam sido cometidas ao juri. Não parece que isso seja da sua competencia.

Para mais, o favor não se presume, não se poderia julgar provado sem serelissimas razões, e, na presente hipótese, está absolutamente excluido pela unanimidade da votação, e, principalmente, pela seriedade reconhecidissima das pessoas eminentes, que constituíram o juri.

Contra a probidade do juri e da sua resolução produzem-se os depoimentos fantasistas e parciais, que se depaeram sempre em materia tão azada a facéis sugestões e a paixões tumultuárias.

São raras as decisões de juris de exames e concursos, e até as decisões de tribunais, que não dão ensejo a arguições, mais ou menos furibundas, contra os membros dos juris ou os juizes. E nunca houve descontentes, que não achassem quem fosse capaz de depor veementemente, e ás vezes até com apaixonada, mas precipitada, sinceridade, contra examinadores ou magistrados judiciais. O mais difficil o falivel dos juizes é o que incide sobre julgadores e julgamentos.

Supõem os concursos, por sua propria natureza, o caracter obrigatorio da respectiva decisão para os interessados (§ 661 do Código civil alemão, art.º 1516 do Código Civil brasileiro; *Planck's Kommentar* vol. citado, nota III b ao § 661 do Código alemão, pags. 1172 e 1173). O que na Alemanha e no Brasil se acha estabelecido por disposição especial da lei, deve observar-se noutros países, como presuposto indispensavel quanto a concursos.

Quem se apresenta a concurso sujeito, em virtude do programma respectivo, a decisão do juri, submete-se *ipso facto*, em principio, a essa decisão.

A obrigatoriedade da resolução do juri para com as concorrentes, exclue, como se disse, a contraprova ou revisão judicial da decisão tomada. E, apreciarem os tribunais, fóra de casos excepcionallissimos, a parcialidade ou imparcialidade dos membros de juri, seria tão pouco conveniente e razoavel como apreciarem sistematicamente em recurso as intenções dos magistrados, que tivessem proferido as decisões recorridas.

E' para notar que, como fica assente, a parcialidade que, por impossivel, se demonstrasse quanto ao juri qualificadissimo que presidiu ao concurso, teria como consequencia, na especie meramente platónica, a anulação do acto, mas de modo nenhum a substituição da segunda classificada á primeira. Nem podia ser da competencia

dos tribunais julgar, que, se não tivesse havido parcialidade do juri, a eleição recairia na Autora. Pronunciar-se neste sentido importaria a absurda revisão ou contraprova do concurso.

Mal se compreende que a A. queira fazer anular a decisão, que graduou outra concorrente em primeiro lugar, e pretenda valer-se da graduação, que dela propria fez, no segundo lugar, o mesmo juri, para ser substituída á eleita, e haver para si os vantagens que ela pudesse ter colhido!

Se o juri tivesse sido incorrecto na escolha da senhora, que havia de se apresentar no concurso do Rio, deveria presumir-se ter sido do mesmo modo incorrecto na classificação da A., a quem deu perferencia com respeito a outras concorrentes.

Como deixa de merecer fé a decisão do juri quando prefere outra concorrente á Autora, e a merece plenamente quando dá preferencia a esta em relação a outras candidatas?!

Advertia-se que se no concurso tivesse havido favor, teria sido exactamente para com a A.—Foi tida como inscrita apesar de não ter cumprido oportunamente todas as formalidades de concurso. E foi, aliás sem prejuizo de terceiro, mas por manifesta deferencia, graduada em segundo lugar, não obstante não haver sido prevista tal classificação no programma.

Entre as acusações, que se fazem ao juri, sobressai a de que a eleição se achava prevista. Em geral as eleições previstas são as mais justas. Nada mais natural do que contar com a eleição, quem conhecesse a concorrente, e confiasse na justiça do juri.

Ainda que a sr.ª D. Fernanda Gonçalves, em razão da idade, não satisfizesse aos requisitos do concurso, nem por isso poderia a acção ser julgada procedente, porque, como já vimos, a a autora não demonstrá, nem podia demonstrar, direito a ocupar o lugar da eleita, quando esta, por virtude de anulação da escolha ou por outro motivo, se não pudesse ou devesse apresentar no concurso do Rio de Janeiro.

Na realidade, D. Fernanda Gonçalves satisfazia, quanto á idade, ás condições do concurso.

Como se disse no *Diário de Lisboa* de 4 de Julho de 1930 e nos numeros seguintes—tratava-se de eleger uma representante de Portugal no concurso internacional do Rio de Janeiro.

Era no Brasil, que se realizava o concurso official (*Diário de Lisboa* de 14 de Julho de 1930). Em Lisboa o concurso tinha apenas o caracter de prova eliminatória, «integrada no certame mundial do Rio», (*ibidem*).

Citam-se no *Diário de Lisboa*, de 14, as condições 3.ª e 5.ª do plano do Brasil, apesar de não incluídas no programma português.

O concurso achava-se, pois, necessariamente subordinado ás condições e requisitos estabelecidos para o concurso no Brasil.

Isso era a todas as luzes evidente, e foi reconhecido expressamente na acta do concurso, onde se disse: «A eleita obedece a todas as condições do concurso mundial do Rio de Janeiro».

As condições publicadas pelo *Diário de Lisboa* tinham, de ser completadas e interpretadas segundo as condições estabelecidas para o concurso do Brasil. Assim resultava, segundo o art.º 684 do nosso Código Civil, da natureza do concurso em Portugal, que era simples prova para admisión ao concurso internacional do Rio.

A autora, a quem incumbia o onus da prova, não provou que no concurso do Rio sómente fossem admitidas as senhoras, que não tivessem ainda completado os 24 anos. E, na verdade, a idade maxima estabelecida para o concurso internacional foi de 25 anos, e interpretava-se, ao que parece, a respectiva clausula, no sentido de se admitirem as concorrentes, que ainda não tivessem completado 26 anos.

Tinha, é certo, a sr.ª D. Fernanda Gonçalves completado já 24 anos. Mas,

na linguagem corrente, não se atende geralmente, quanto á idade, ás fracções, e, quando se diz que alguém tem 24 anos, quer-se significar que não tem mais anos completos que 24, que ainda não perfez 25.

A recta pronuncia não é, em geral, a melhor hermeneutica em materia de contratos. Muito menos póde ser adequada á interpretação dum programma do concurso, no genero do que foi aberto pela empresa, a que pertence o *Diário de Lisboa*.

Para mais, o sentido das expressões usadas nas condições do concurso acha-se perfeitamente averiguado pelas condições do concurso internacional do Rio, onde nenhuma objecção se opôs á admisión de D. Fernanda Gonçalves.

Insistimos em que, quando, por impossivel, a eleição fôsse anulavel em razão da idade da eleita, não haveria que atribuir o lugar desta á segunda classificada, para o effeito de haver para si, a titulo de perdas danos, as vantagens que D. Fernanda Gonçalves tivesse podido obter.

IV

Não podemos deixar de admitir em principio effeitos juridicos a concursos abertos para adjudicação de premios ou recompensas publicamente prometidas.

A recusar-se-lhes em todos e quaisquer casos valor juridico, teria de se negar natureza juridica e consequencias de direito a muitissimos actos correntes e similares, o que traria manifesta perturbação na vida economica e social.

Ha, sem duvida, legislações, que regulam as promessas de recompensa (Código suizo federal das obrigações, art.º 8.º; Código marroquino das obrigações e contratos, art.º 15.º e seguintes). Ha algumas, que regulam não só a promessa de recompensa, mas até muito especialmente as promessas de recompensa para ser adjudicada, mediante concurso (Código alemão, paragrafos 657 e seguintes e 661; Código Civil brasileiro, artigos 1512 e seguintes e 1516 e 1517).

Os referidos actos devem, considerar-se abrangidos nas disposições genericas das legislações, que os não regulam especialmente.

Sucede por isso que a promessa publica da recompensa (*Auslobung*) era admitida na Alemanha antes do Código Civil, que a regulou especialmente (*Windscheid, Direito delle Pandette*, vol II, parte I, paragrafo 308, pags. 192 e seguintes; *Planck's Kommentar*, vol. citado, nota III, numero 1,—ao titulo 9.º da secção VII do livro II, pag 1157; Code Civil allemand traduit et annoté par Bufnoir, Géný, Saleilles, etc., nota ao referido titulo, tomo II, pag. 186 e seguintes; Saleilles, *Etude sur la théorie générale de l'obligation*, 3.ª ed., n.º 143, pag. 150).

Na Suíça não ha disposições especiais sobre a promessa de recompensa por via de concurso, mas observam-se, como regras derivadas da natureza do acto e dos usos, as correspondentes ás disposições do paragrafo 661 do Código alemão (*Schneider et Fick—Commentaire du Code fédéral des obligations*, vol. I, nota n.º 14 ao art.º 8.º do Código).

Em França applicam-se, como regras dimanadas da natureza dos actos, usos e principios gerais do direito, aproximadamente as regras do Código alemão sobre a promessa de recompensa (*Planiol e Ripert, Traité pratique de droit civil français*, vol. VI, com o concurso de P. Esmein, 1930, n.º 143, pags. 186 e seguintes).

Nem se veja menos rigor juridico em se querer subordinar, entre nós, aos principios dos contratos um acto noutros países havido como declaração unilateral da vontade.

A verdade é que a promessa de recompensa pode ser tida por elemento

(Ver continuação na pagina seguinte)

O NOVO «HISSOPE»

Uma opinião autorizada que não deixa dúvidas

âcerca da acção posta contra o "Diário de Lisboa" e "Miss Portugal 1930"

(Continuação da pagina anterior)

de contrato e ficar dependente da aceitação.

Na Alemanha, antes do Código Civil, era a promessa de recompensa admitida, tanto por juristas, quanto a subordinavam à chamada teoria contratual (*Vertragstheorie*) como por legistas que a explicavam pela chamada teoria de promessa (*Polizitationstheorie*). Isto mesmo se pode ver nos lugares citados. Também aí se vê que dos juristas, que discutiram o Projecto do Código alemão, parte lhe explicaram as disposições por uma, parte pela outra teoria, e que isso mesmo sucede ainda hoje na vigência do Código. Domina actualmente a este respeito, mas não é exclusiva, a teoria da vontade unilateral (v. também Cossack und Mitteis, lugar citado, pag. 704).

Também na Suíça não ha unanimidade (Schneider e Fick, nota 2 ao art.º 8.º, e Roussel, *Manuel du droit fédéral des obligations*, t. 1, 1920, n.º 40, pags. 39 e 40).

Não deve no Brasil haver divergências, porque as providências acêrca das promessas de recompensa se acham compreendidas no título do Código Civil, que se intitula—*Das obrigações por declaração unilateral da vontade*. Pelo contrario, o Código marroquino claramente atribui caracter contratual à promessas de recompensa, como resulta da comparação dos artigos 15 e 18.

Em França predomina a explicação contratual da promessa de recompensa (Planhol e Ripert, lugar citado).

O nosso direito não consente que se atribua à promessa de recompensa pleno valor jurídico, senão quando, por ter havido aceitação da proposta, se verifiquem os elementos da convenção. Aplicam-se nesta hipótese os princípios gerais dos contratos. Na verdade, a promessa, de per si só, e exceptuados porventura os restritos efeitos do artigo 653 do nosso Código, não se compreende entre os direitos que pelo sistema bastante fechado da nossa lei derivam de mero facto e vontade de outrem (artigo 4.º n.º 4.º do Código Civil).

Admitimos, pois, em principio, que a promessa de recompensa surta efeitos jurídicos. Resta, porém, saber se os pode produzir a promessa, a que se refere a consulta.

V

Parece-nos que a promessa, a que a acção diz respeito, de adjudicação de certa recompensa por via de concurso, não pode surtir efeitos jurídicos.

Faltou no anuncio ou programa a fixação de prazo.

A exigência da fixação de prazo é de ambos os códigos, que especialmente se occupam na promessa de adjudicação de recompensa por via de concurso (parágrafo 661 do Código Civil alemão; artigo 1516 do Código brasileiro).

Pela nossa lei, o autor da proposta do contrato deve fixar o prazo, quando a aceitação se não faça no mesmo acto da proposta (artigos 650 e 651 do Código Civil português). Na falta do prazo assinado pelo proponente, a aceitação da proposta deve, porém, fazer-se dentro de oito dias, além do tempo necessário a ida e volta regular do correio publico, ou, na falta do correio, dentro de prazo razoavel, conforme as circunstancias (art.º 652).

Quanto a proposta feita a pessoas incertas para adjudicação de premio mediante concurso, não se pode praticamente aplicar o artigo 652, pois são evidentemente necessários prazos certos e genericos, em vez de prazos dependentes das circunstancias especiais de cada pessoa em condições de concorrer.

Inapplicavel, como é, o artigo 652, torna-se indispensavel a fixação do prazo nos termos do art.º 651. Chega-se assim, por via dos principios gerais dos contratos, à mesma conclusão abraçada em códigos recentes pelas disposições especiais concernentes ao assunto.

Faltou no programa (*Diário de Lis-*

boa de 4 de julho de 1930) a fixação de prazo certo e determinado.

E, ulteriormente, publicaram-se a tal respeito declarações, que com a maior facilidade, se foram substituindo por outras.

No *Diário de Lisboa* de 5 de julho de 1930 disse-se que no dia 20 aproximadamente as concorrentes seriam presentes ao juri. No de 9, declarou-se que *Miss Portugal* teria que estar escolhida no dia 21, e que o juri deveria até essa data ter o juizo formado. No numero de 10 escreveu-se que se receberiam fotografias até 17 ou 19, segundo as concorrentes fossem ou não de Lisboa, e que a escolha poderia porventura estar feita antes de 21. No de 11 limitou-se a inscrição até o dia 15, e annunciou-se que o juri reunia, pela primeira vez, em sessão plenaria em 16. No numero de 14 annunciou-se que o juri deliberaria em 15, como, com efeito, fez.

A falta de fixação segura de prazo, e a constante substituição de condições de concurso, mostram nunca se ter pensado a sério em contrato. Não eram possíveis as linhas rígidas e as obrigações definidas dos contratos em consequencia do prazo curto de que se dispunha e que foi ainda encurtado por motivos supervenientes. A escassez do tempo e a necessidade de se seguirem, por isso, processos extremamente simples, refere-se o *Diário de Lisboa* em 5, 7, 9, 10, 11, 12 e 14 de julho de 1930.

Em 10 declarou-se que a inscrição não podia estender-se a todo o país. Em 14, vespéra do concurso, explicou-se que a escassez do tempo obrigara a não se terem em atenção todas as inscrições da provincia.

Primeiro, annunciou-se a publicação obrigatória, antes do concurso, das fotografias das concorrentes (numeros de 4, 5, 7, 8). Depois declarou-se não obrigatória essa publicação (numeros de 9, 10).

Estas incertezas e flutuações não são de forma alguma compatíveis com a existencia de contrato. O *Diário de Lisboa* encheu-se de dizer que se tratava de concurso especial (numero de 12), de processos muito simples em razão do apertado do tempo e de não constituirem senão mera fase eliminatória do concurso internacional (numero já indicado).

Não havia, portanto, obrigações cer-

Protésicos Dentistas de Portugal

A assembleia geral da Associação de Classe dos Protésicos Dentistas de Portugal elegeu os seguintes corpos gerentes:

Direcção—Jaime Camillo Viana da Silva, Vasco Frederico Solano de Almeida, José Miguel Pavão, Francisco Pereira de Oliveira, Jorge Pereira da Costa, Jorge da Costa Monteiro e Manuel Francisco Nunes.

Assembleia geral—Luiz Alberto da Silva Freire, Rafael Mourato da Estrela Carneiro e Vicente Augusto da Rosa.

Conselho fiscal—Ruy Gomes da Silva e Costa, Jorge Gonçalves do Amaral e Adolfo J. Paiva Franceri.

SINDICATOS GRAFICOS

Para tratar da criação do Sindicato Unico dos Trabalhadores na Industria Grafica de Lisboa, reune-se hoje ás 20 horas, na rua do Ataíde 6, 1.º, a assembleia geral dos Sindicatos Graficos.

NOVIDADES LITERARIAS

BRITO CAMACHO

DE BOM HUMOR

1 volume brochado 10\$00 — Encadernado 15\$00

DE BOM HUMOR é uma colectanea de primorosas crônicas cheias de leveza e graciosidade que se lêem com um interesse sempre vivo, deixando no espirito dos leitores uma impressão indelevel, tão grata como risonha.

VICTOR HUGO

HISTORIA DUM CRIME

1 grosso volume de 400 paginas, brochado 12\$00 — Encadernado 17\$00

Victor Hugo demonstrou neste extraordinario livro os superiores dotes de combatente aguerrido. O romancista insigne de OS MISERAVEIS fez da historia do golpe de Estado de Luiz Napoleão um libelo formidavel, deixando uma impressão imorredoiira.

Livraria Editora Guimarães & C.ª

68, RUA DO MUNDO, 70 — LISBOA

tas, definidas e estaveis, como seria proprio de contrato.

Tratava-se manifestamente de simples convite de boa fé, que envolvia somente compromissos de ordem moral e apenas se poderia levar a efeito, na medida em que as circunstancias o permitissem.

E' de notar que a doutrina e jurisprudencia não atribuem figura e consequencias juridicas a todas as promessas publicas de recompensa.

Ha até quem sustente que estas somente são admissiveis, quando se possam resolver em prestação de serviços (Kohler, citado no *Planck's Kommentar*, nota III n.º 1 e 3 ao titulo citado do Código alemão, pags. 1157e 1158). E Endemann, também citado naquele comentario, não atribui valor juridico à promessa publica de recompensa, quando não tenha por objecto interesse digno de protecção do direito.

a)

Se, por absurdo, se admitisse que a promessa de recompensa tinha, na hipótese, valor juridico, que D. Fernanda Gonçalves não devia, em razão da idade, ter sido admitida a concurso, e que o seu lugar ficava, de direito, pertencendo à A na acção, quem seria responsavel das consequencias da admissão irregular da concorrente que veio a ser eleita?

Os trabalhos eliminatórios e preparatórios foram realizados por membros do juri, também membros da Comissão organizadora, e depois foram pelo juri aprovados, como se vê da acta. E o juri expressamente declarou: «A eleita obedece a todas as condições do concurso Mundial do Rio de Janeiro».

Se, por impossível, a eleita não tivesse preenchido os requisitos da elegibilidade, e alguma responsabilidade civil daqui pudesse resultar, ela caberia exclusivamente ao juri nos termos genericos dos artigos 2361, 2364, segunda parte, e artigo 2393, segunda parte, do Código Civil.

A responsabilidade por factos dos membros do juri não poderia pertencer ao proponente da recompensa, nem à concorrente eleita, mas só áqueles, aliás com restrições, que o simples senso comum impõe (*Planck's Kommentar*, nota 3 c ao parágrafo 661 do Código alemão, pags. 1173).

Não se pediu, porém, nenhuma res-

FESTAS A S. PEDRO

Amanhã e no dia seguinte realizam-se no vasto salão da Junta de Freguesia da Penha de França interessantes festas cujo producto se destina ao cofre do Posto de Socorros e aos pobres da area.

O programa é variado e muito atraente. — Na vespéra e na noite de S. Pedro repetem-se com os atractivos do costume os festivais da Praça da Figueira, abrilhantados por três bandas de musica.

Conferencias

O sr. Indalécio Pires realiza hoje, ás 22 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Luis Derouet, mais uma das suas «Lições praticas do curso de iniciação mathematica». A entrada é livre.

— Na Universidade Popular Portuguesa, rua Luis Derouet, realizará o sr. Hugo Baptista Ribeiro, na proxima quinta-feira, pelas 21 e 30, uma conferencia publica subordinada ao tema «A filisomonia actual da Universidade».

ponsabilidade ao juri, porque o absurdo da causa appareceria então por forma ainda mais manifesta e revoltante.

b)

Já vimos não terem nenhum fundamento as arguições feitas ao juri por falta de apresentação de todas as concorrentes em conjunto, nem por suposto favor com respeito á eleita.

Se alguma responsabilidade pudesse haver, seria do juri, nos termos expostos, não da empresa proponente, nem duma das concorrentes.

Mas nenhuma responsabilidade poderia dar-se, como ficou demonstrado.

Não consideramos applicavel ao direito português a anulação da decisão do juri por erro ou dolo, que aliás não se deram.

Essa decisão não era elemento de contrato com as concorrentes. O contrato, a existir, ter-se-ia já anteriormente tornado perfeito pela aceitação da proposta, aceitação implicita no facto da inscrição.

Nem a decisão do juri é elemento de formação do contrato, que pudesse haver, nem os membros do juri seriam contraentes, ou terceiros nas condições do art.º 663 do nosso Código. As disposições sobre erro e dolo não são, pois, applicaveis entre nós á decisão do juri, ao contrario do que sucede em países cuja legislação applica expressamente essas regras ás declarações unilaterais de vontade (v. artigos 656 e seguintes e 689, 695, 696 e 697 do Código Civil português; v. *Planck's Kommentar*, nota III b ao parágrafo 661 do Código alemão pag. 1172).

Em Portugal somente poderia exigir-se a responsabilidade civil respeitante á inexecução das condições do programa.

Esta responsabilidade apenas poderia caber aos promitentes no tocante a factos proprios. A responsabilidade por factos do juri, só a ele tocaria nos termos da segunda parte do artigo 2393 do Código Civil.

Nenhuma responsabilidade pertenceria em caso nenhum á concorrente eleita, que nem foi contraente, nem tomou quaisquer responsabilidades, como as que o juri poderia ter tomado ao aceitar a nomeação, se de acto juridico se tratasse.

Nada aproveita esclarecer agora que, dado e não concedido haver lugar a perdas e danos, nunca seriam computadas como tais senão as que resultassem necessariamente da falta de cumprimento das obrigações (art.º 707 do Código Civil). Não podiam, pois em caso nenhum ser contadas como perdas e danos as correspondentes ás vantagens, que a eleita poderia ter alcançado, mas (que muito bem poderiam deixar de ser obtidas pela A., se tivesse sido ela a eleita.

Conclusões

I—A promessa publica, a que se refere a consulta, não teve valor contratual, nem caracter juridicamente obrigatorio.

II—Ainda quando, absurdamente, se houvessem as arguições da A. como verdadeiras, e se tratasse de contrato, nem então haveria lugar a atribuir-se á A. o lugar da concorrente eleita e a arbitrar-se-lhe as perdas e danos correspondentes aos supostos lucros desta.

III—Não se deu, porém, a inelegibilidade, de que é arguida a concorrente eleita, nem constitui irregularidade ou offensa do programa a falta de apresentação em conjunto das concorrentes sujeitas á decisão final, nem procedeu o juri com favor.

IV—As decisões que foram tomadas pelo juri não dão origem a qualquer responsabilidade, mas quanto, por mera hipótese, assim não fosse, nunca essa responsabilidade poderia caber ao proponente e, muito menos, á concorrente eleita.

ABEL DE ANDRADE
FERNANDO MARTINS DE CARVALHO

NOVIDADES LITERARIAS

LIVROS NOVOS

"Terras fradescas"

por Armando Ribeiro

Do livro «Terras Fradescas», de Armando Ribeiro, que tem alcançado um belo êxito de leitura, transcrevemos a «segunda jornada», em que o autor nos leva até à cidade de Santarém:

Por muito que se escreva sobre qualquer desses pedaços do Portugal maravilhoso, quanto escapa à análise, quanto se olvida, por se não ter visto, por a lembrança ou os apontamentos falharem...

Santarém, a velha cidade mourisca, a nossa terra pelo lado materno, não podia eximir-se a tais lapsos.

E' tão vasta, tão cheia de imprevistos, de recordações históricas...

Tendo-nos já ocupado da agarena, não vamos agora reeditar pormenores nem, evidentemente, esmiuçar todas suas grandiosidades, origem em 1740 dos dois volumes da *Historia de Santarém Edificada*, onde o douto Padre Inácio da Piedade e Vasconcelos — que só sobreviveu 7 anos e com 71 de idade à publicidade do seu trabalho — fez a descrição da fundação de todas as suas igrejas, paróquias e ermidas; em 1811, do livro de frei Claudio da Conceição dando a lume a *Memoria do que aconteceu ao Santo Milagre de Santarém pela invasão dos franceses em 1810*; muitas paginas brilhantes de Ramalho no seu *Culto da Arte em Portugal*, e em 1883 do trabalho *Monumentos e lendas de Santarém*, de Zeferino Brandão, falecido em 28 de junho de 1910, que foi capitão de artilharia, socio da Sociedade de Geografia, da Associação dos Jornalistas Portugueses e da dos Arqueólogos e Arquitectos, e que servindo na guarnição santarena se constituiu grande cronista cittadino. Tem desde 1931 rua de homenagem, a antiga denominada da Trindade.

Isto para apenas citar os que, por circunstancias varias, de ouvido não ficaram, ou não tiveram o geral conhecimento obtido pelo *Viagens na minha terra*.

Na recente peregrinação à patria de Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, já a antiga vila scalabitana prestara culto ao ali nascido na freguesia do Salvador a 26 de setembro de 1795, erigindo-lhe a merecida estatua, como Lisboa antes o fizera na praça de D. Luiz, sob trabalho escultural devido a Giovannini Cizinelli, que assistiu à colocação da primeira pedra em 4 de abril de 1882 e parece não compareceu à cerimonia desdobridora de 31 de julho de 1884.

Intrigas do tempo...

Custou 25 contos, menos 11 do que a da comemoração ribatejana, que tem a mais ser concessionismo de lusa gente, os estatuarios Simões de Almeida Sobrinho e Francisco dos Santos e, em deficit, não haver suscitado o acto os belos trechos elucidativos da *Noticia Historica* publicada em 1884 pelo conselheiro Henrique de Barros Gomes, sob o titulo de *Monumento ao general Marquês de Sá da Bandeira*.

O bronze immortaliza a memoria do guerreiro e do liberal, como aponta, desde 1 de maio de 1919, aos doutos seculos, num largo, por igual reduzido, o vulto do padre Francisco Nunes da Silva, nascido no Bairro do Alfange em 1790, que foi prior de S. Julião, falecido em 13 de janeiro de 1869; o padre Chiquito do vulgo, de afabilidade por uns, e de muitos pelo aquilate de altura, por lhe não poderem, á epoca, descortinar a imensidade da alma, tão affecta aos moure-jantes do trabalho, dedicada ás crianças.

A municipalidade resolvia em 11 de abril de 1929, corrigir a anomalia e assim dar o nome de Passos Manuel á rua padre Francisco Nunes da Silva e o deste ao antigo largo do Salvador onde estava o busto.

E, enquanto ele, o modesto, extinto para a terrena vida, vive no apoucado bronzado busto, perto do argenteismo bancario da rua Direita, o marquês orgulhoso dá a esquerda ao seminario, com sua capela de S. Nicolau e de S. Miguel e sua igreja rica, de cape-

lania mór integrada em marmores, refulgindo nos dourados da talha dos quatro altares, e do marmore do quinto, no encanto das pinturas da cupula onde se representam a Europa, Asia, Africa e Oceania.

A America teve olvido, desconhecida á epoca...

Quanto á posição do fidalgo, alguem, ironico, nos disse que era desde ao colloquio dos santos da fachada, mencionando na popular garrulice — irreverente por irreflexão — e em que o do alto, á direita do edificio, pergunta pelo prato de arroz doce, o de baixo alega ignorancia, o primeiro da esquerda aponta como deglutidor o vizinho inferior, que, sem negar, proclama o rico proveito, nas mãos colocadas sobre o ventre.

Sondámos a interpretação do vulgo, e consoladoramente se pode registar que só a tagarelice e vinda já de longe deu molde ao curioso descrever da attitude das imagens.

Enfim, lá está, no peso de 2.200 quilos sobre um pedestal, desde sexta feira 18 de maio de 1928 e defronte da casa onde nasceu — o autor em 1885, como visconde, dos *Factos e considerações relativas aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molemo, Cabinda e Ambriz e mais lugares da Costa Occidental de Africa* e sendo marquês, em 1870, da *Letra adressée au Comte d'Alvella* e em 1874 — precedendo dois anos a morte, — da *Emancipação dos libertos* — *Carta dirigida ao Excelentissimo Senhor Joaquim Guedes de Carvalho e Menezes, Presidente da Relação de Luan-*

da. Melhor caberia aquele que fez elevar a vila a cidade, no amplo campo denominado de *Sá da Bandeira* desde o edital de 13 de fevereiro de 1869.

Mas, predilecções consumadas não se discutem... Foi talvez o aproveitar das divergencias sobre o local do mercado lateralmente coberto, julgado por equivoco, restos do Palacio da Mitra, em discussão esteril, pois já o aclarára, muito tempo antes, o investigador paciente que é Laurentino Verissimo.

A edillidade desenterrou velhos alfarrabios, leu, releu, e pelo sim pelo não emitiu parecer pelas proximidades dos socacos da calçada do Monte.

E lá o ergueu, ao cimo do campo Sá da Bandeira, perto do jardim da Republica, ex-passeio da Rainha e a cujo desenvolvimento se liga o nome de Pedro Antonio Monteiro, extinto em abril de 1928.

O ressurgimento do mercado se deu a 9 de novembro de 1930, domingo, em que se percorreu solenemente a sua area de 2.076 metros quadrados por 44, com mesas de marmore e de cimento armado, cobertura em ferro, grande parte envidraçada e largos portões com catavento, reflexo de intenções...

Tem assim perto o coreto, esplendido, sobre espelhento lago, onde a agua canta, de leve, ao som ritmico da musica...

Dr. Barros Marinhos

Para o jantar de homenagem que vai ser oferecido no proximo dia 2 de julho ao distinto odontologista sr. dr. Barros Marinhos e a sua esposa e cooperadora sr. D. Sanitas de Barros Marinhos, inscreveram-se já, entre outras pessoas, as sr.:

D. Maria Carolina Sereno de Almeida Ribeiro, D. Paula de Almeida Ribeiro, D. Aurora Martins Nunes, D. Beatriz Silva, e os srs. dr. Queiroz Veloso, dr. Almeida Ribeiro, juiz desembargador, dr. Artur de Almeida Ribeiro, almirante Ayres de Sousa Jaime Silva, Vitor Fuschini, dr. Campos Coelho, Norberto de Araújo, Artur Portela, dr. Belezza de Andrade, Jaime Silva (filho), Emilio Coelho, dr. Avelino de Almeida, Evaristo de Campos Coelho, Fausto Vilar, Manuel Nunes, Aprião Mafra, etc.

A inscrição faz-se na Benard, ao Chiado, 104 106.

Gremios regionais

Realiza-se amanhã no Gremio do Minho a ultima festa popular da temporada que promete reverter-se do brilhantismo das anteriores. Haverá a costumada venda de alcaçofras, mangaricos, cravos, arroz doce, etc.

— Em honra das Direcções dos Gremios Regionais, realiza-se no proximo dia 1 de julho, no Gremio de Trás-os-Montes, um baile de rigor que promete decorrer muito animado.

"Gomes Leal na intimidade"

pelo professor Ladislau Batalha

Do livro do prof. Ladislau Batalha, «Gomes Leal na intimidade», transcrevemos um interessante capitulo, pelo qual se pode avaliar do valor da obra, cuja leitura é indispensavel a quem queira conhecer a personalidade de estranha desse boêmio genial que escreveu alguns dos mais lindos versos da lingua portuguesa.

A perda da mãe abria-lhe os portões á desgraça. O Poeta appareceu a Raul com chapéu ás três pancadas e luvas pretas!

—Vivo só, disse ele, não tenho familia. Minha mãe morreu-me e aqui estou como um orfão.

Nunca mais voltou a ser o antigo leão indomito, o revolucionario impenitente, o lutador contumaz contra todas as mentiras e iniquidades sociais.

Sua mãe, fanaticamente religiosa, cumpriadora de todos os preceitos que a Santa Madre Igreja impõe aos seculares, era assidua em ouvir missa, confessava-se amiude e frequentava todas as festividades religiosas.

O filho, nem mesmo no tempo em que atingira o supremo da intolerancia, nunca lhe ofereceu a menor resistencia e muito menos opposição ao fanatismo.

Durante a doença de que veio a falecer, fôra para com ela estremoso até ao sacrificio, perdendo dias e noites consecutivas á cabeceira da enferma.

E' de presumir que a Igreja procurasse influir no animo da doente, para obter a conversão de Gomes Leal, o que seria de veras proveitoso para a propaganda do Catholicismo.

Depois que a enfermidade principiou a apresentar sintomas de maior gravidade, vivia o Poeta aflito, consternado, escondendo-se por todos os recantos da casa da Rua da Bela Vista (á Graça) para evitar que a mãe lhe descobrisse lagrimas nos olhos. E assim procurava dissimular a sua dor e soluços.

Não passara o caso despercebido. A mãe, de uma vez, chamou-o com a voz já muito fraca:

—O' Antonio.

—Minha mãe! acudiu ele, simulando elevação e contentamento.

—Isto vai acabar.

—Tal não diga! obtemperou o Poeta, muito contrariado. Enquanto há vida, há esperança.

—Eu queria fazer-te um pedido — tornou ela, de voz enfraquecida. — Mas tu provavelmente não me farás o grande favor que vou pedir-te...

—Diga, diga, minha mãe. Que haverá neste mundo que eu não seja capaz de fazer-lhe?

—Eu gostaria, filho, que me promettesse que, por minha morte, mandarias dizer, ao menos, uma missa por minha alma.

—Não só prometo — respondeu ele, banhado em pranto que o sufocava — prometo e juro. Juro-lhe que cumprirei a minha promessa.

Muito a custo tentou a moribunda

voltar-se e descansar um pouco, momento este que o filho aproveitou para afastar-se, indo longe dela enxugar as lagrimas que lhe inundavam a vista pela já imminente perda da mãe e também pela exteriorização inconveniente a que o expunha a promessa que acabara de fazer.

Num outro lance muito mais amargurado, em que, após uma rapida, mas talvez derradeira Confissão ao sacerdote, cujos conselhos escutou, ela dava mostras de ir entrar em breve no estertor, ainda chamou o filho, com voz amortecida, grande esforço e insistencia:

—Antonio! Antonio!

—Mãisinha! acudiu ele, a correr dum compartimento contiguo, procurando disfarçadamente e muito á pressa enxugar as lagrimas que lhe brotavam do recanto dos olhos.

—Quero fazer-te o meu ultimo pedido...

Deteve-se arquejante. Após alguns segundos, ardendo em febre e duvida, ainda objectou, quasi a desfalecer:

—E' escusado... Tu não farás o que te peço...

—Seja o que fôr, minha mãe! tornou ele no auge do desespero e commoção. Nada ha que nesta hora eu não lhe faça...

Acercou-se; cobriu-a de beijos e de lagrimas.

—Meu filho! tua mãe vai comparecer perante Deus, a dar-lhe contas dos pecados...

—Mãi! mãi! chamou ele aflito e consternado. Minha mãe!

—Jura-me, filho, que has de assistir á missa que mandares rezar-me por alma...

Naquela hore solene, com certeza o Poeta deveria ter sentido toda a responsabilidade que ia pesar sobre o glorioso autor do «Herege» e da «Traição». E' muito provavel que tivesse sentido o corpo estremecer e inundar-se-lhe de suores frios.

O que iria seguir-se? Entre o respeito pelo passado glorioso e o sentimento do dever filial perante o leito mortuario do ente que lhe era mais querido, deve ter-se dado uma luta indescritivel de violencia e dor. Pôde o amor mais do que o dever.

—Juro-lhe, minha mãe! juro-lhe pela alma do meu falecido pai e da minha chorada irmã...

Deixou-se cair prostrado junto ao leito onde D. Henriqueta Fernandina Monteiro Alves Cabral Leal, já entrada no estertor, agonizava.

Os assistentes emmudeceram. Fez-se um lugubre silencio, só interrompido pelos soluços do Poeta.

A nobre senhora acabava de finar-se.

Decorridas algumas horas de tortura e dor, por uma madrugada rezava-se no templo a missa prometida por juramento, e o Poeta Satanico do «Renegado», da «Traição» e do «Anti-Cristo» voltava a ajoelhar-se, solene e humilde, aos pés do altar catolico.

Uma grande festa de arte

No dia 1 do proximo mês de julho, realiza-se, no Teatro Nacional, uma grande festa em homenagem á professora de dança M.me Britton, promovida pelas suas discipulas.

A exemplo dos anos anteriores, trata-se de um espectáculo ao mesmo tempo de arte e de elegancia, crescendo, este ano, a circumstancia, que não menos o recomenda, do caracter de benemerencia que o reveste, visto a homenagem ter cedido o seu pro-duto em favor da Colonia-Balneir Infantil do nosso colega «O Seculo».

Do programa desta festa fazem parte bailados classicos e do mais moderno estilo, pelas alunas de M.me Britton.

Os poucos bilhetes que ainda restam poderão ser requisitados pelo telefone N 5567.

Festa escolar

No proximo sabado, ás 21 horas, realiza-se, na Escola Industrial Afonso Domingues, a festa de encerramento do ano lectivo, estando organizado, para esse fim, um programa que consta de sessão solene, distribuição de premios, espectáculo teatral e baile.

DESPORTES

Esgrima

No proximo dia 29, pelas 18 horas, realiza-se nos jardins do A. C. P. a disputa da «Taça Frederico Paredes», a dois toques, entre «equipes» de 4 atiradores. A inscrição está aberta no Centro Nacional de Esgrima, podendo inscrever-se atiradores de todas as categorias.

Ginastica

Na proxima semana inauguram-se no União Football Lisboa cursos de gmnastica para crianças e adultos, sob a direcção do sr. dr. Salazar Carreira, que será coadjuvado pelos srs. Antero da Silva Varejão e Manuel Nunes Henriques.

A inscrição continua aberta na rua dos Lusíadas 65, das 20 ás 24.

Sport Algés e Dafundo

Para encerramento das Festas Comemorativas de XVIII Aniversario do Sport Algés e Dafundo, realiza-se no proximo sabado, ás 22 horas, no salão de festas do seu estadio nautico, em Algés, uma sessão solene para a qual estão convidadas varias entidades officiais e individualidades em destaque no meio desportivo da capital.

DOENÇAS NERVOSAS

Gabinete Hidroterápico — Avenida da Liberdade, 12

Medicos-directores { Dr. J. Silva de Almeida
Dr. José Rocha

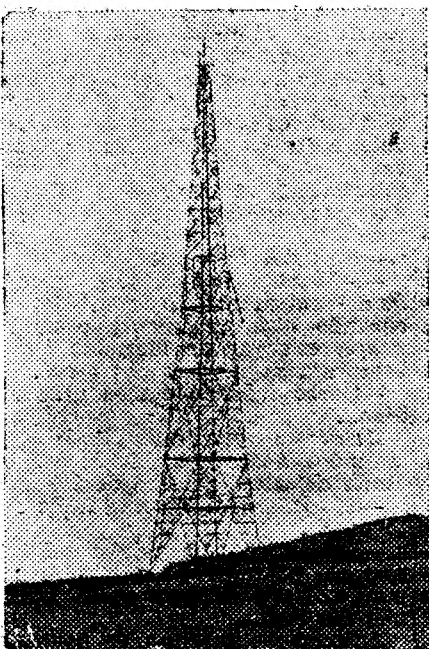
Duches, banhos de vapor e carbo-gazos, Diatermia, R. U. Violetas e I. Vermelhos, electricidade

A Cidade

GLASURIT

Esmaltes e vernizes de
1.ª qualidade
Para todas as aplicações

CONCLUIU-SE HOJE

a segunda torre
da Emissora Nacional

Nos campos próximo de Barcarena, onde vai ficar instalada a emissora nacional de radiotelevisão, ficou hoje concluída a segunda torre metálica, que a nossa gravura reproduz. A fim de observarem o efeito produzido pelas duas torres concluídas, que medem mais de 100 metros de altura, estiveram esta tarde ali os srs. engenheiros David Pires, director dos serviços Rádio-Electricos da Administração Geral dos Correios, que é quem de ha anos pugna entre nós pela construção duma grande estação emissora nacional; Manuel Bivar, adjunto á mesma repartição, a quem tem estado entregue a fiscalização dos trabalhos; Albert Stand da casa construtora da estação e mais alguns directores da mesma casa, que se encontram em Lisboa.

Chá das cinco

Os direitos da mulher

Criticos severos, que exercem sobre os costumes uma vigilância atenta e rigorosa, protestam de quando em quando contra a liberdade excessiva que caracteriza a vida feminina do nosso tempo.

Em sua opinião, a mulher não pode afastar-se dos limites que a religião e a moral dos nossos avós lhe marcaram, sob pena de se perder irremediavelmente no conceito das gèntes.

Este culto excessivo, e inútil das aparências é uma das numerosas hipocrisias a que se subordinou a vida da mulher durante seculos. A formula da honestidade que se inculca á mulher de Cesar parece-nos um pouco deslocada dentro do nosso tempo. Ninguém de bom senso pretenderá hoje que a mulher regresse a um passado de cativoiro que não lhe deixou saudades.

E, no entanto, contra a opinião dos que pretendem enclausurá-la de novo dentro das grades douradas duma prisão, a graça feminina não se perdeu. Se os nossos avós encontravam encanto no acanhamento de maneiras que distinguia a mulher do seu tempo, nós não encontramos menos na desenvoltura e na liberdade de movimentos que caracterizam a Eva dos nossos dias.

Cada época tem o seu conceito de moral e de beleza feminina. Em cada época, os moralistas pregaram contra a «dissolução dos costumes», sem conseguir entrar a marcha progressiva das pequenas liberdades que a mulher tem conquistado.

A esse respeito, não estamos pior nem melhor do que ontem. Estamos apenas dentro do ritmo do nosso tempo. E como a vida segue o seu curso, obedecendo a leis inexoráveis, aceitamos a mulher tal como ela é, Eva graciosíssima que leva na mão direita o fruto proibido e na esquerda o «rouge» sub-servito das reivindicações sociais...

NORBERTO LOPES

as 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

TURISMO

A' vista de Lisboa

e sem a poder alcançar

depois das 21 e 30

Muito se tem felto no sentido de melhorar o aspecto do cal de Cacilhas, ampliando e limpando a praça que antes era logradouro de burros, substituindo o velho barracão de embarque por um pavilhão de estilo in-característico, mas limpo. E é regular o serviço dos barcos em que bom numero de automoveis pode atravessar de uma para outra margem do Tejo.

Acontece apenas que o serviço destes barcos termina ás 21 e 30, e depois desta hora ninguém pode passar para Lisboa de automovel.

Os nacionais, que já sabem o que os espera, dão-se pressa em chegar a Cacilhas, ou ficam pelo caminho. O mesmo não acontece, porém, com os estrangeiros, ignorantes da necessidade medieval de entrar com sol na cidade que, pelo rio, fica fechada ao cair da noite.

E estando abertas as fronteiras até ao pôr do sol, julgam os estrangeiros, com boa logica, que poderão continuar viagem até Lisboa. A surpresa surge já com Lisboa á vista; mas surge tarde, porque em Cacilhas não ha onde ficar, e para ir dormir a Setúbal é preciso retroceder uns quarenta quilómetros.

Dir-se-á que os passageiros podem alugar um gasolina para chegar a Lisboa, deixando o automovel em Cacilhas. Mas quem vem de viagem com malas e maletas não se separa delas com facilidade, nem se instala num hotel com as mãos a abanar.

Dir-se-á ainda que assim se obriga o viajante a ficar pelo caminho, a conhecer Evora e outros pontos de turismo do Alentejo. Mas, a verdade é que na fronteira de Elvas não ha quem avise da impossibilidade de atravessar para Lisboa. E, ainda que avisassem, quantos estrangeiros não terão necessidade ou desejo de chegar directamente á capital?

Em conclusão: é indispensavel que os barcos da travessia de automoveis para Lisboa funcionem até á meia noite pelo menos, isto enquanto não se faz a ponte sobre o Tejo...

De contrario, para que falar tanto em turismo?

E para que atrair estrangeiros que depois têm que ficar olhando de longe a terra prometida e impossivel de alcançar depois das 21 e 30?

Ouro para o Banco de Portugal

O vapor «Niassa», que chegou hoje dos portos da Africa oriental portuguesa, trouxe consignadas ao Banco de Portugal 10.000 libras-ouro, que foram embarcadas pela Companhia de Moçambique, na Beira. Este ouro fôra adquirido á referida entidade pelo nosso Banco emissor, com excepção de uma porção que é deposito á ordem da mesma companhia.

Cobrador infiel

O agente Amado, da P. I. C., foi encarregado de averiguar o fundamento duma queixa apresentada pelo sr. Tomaz Capdeville, director do Foyer dos combatentes belgas e francezes, contra um ex-cobrador daquela colectividade que se ausentou com 3.000\$00, provenientes da cobrança de cotas.

O ultimo filme da temporada no Tivoli

Os noivos da Escocia

com a popular vedeta MARTA EGUERT

VIDA ARTISTICA

As esculturas

modernistas

de João Silva

Ha na alma desta artista o fervor pelos seres humildes. Não procura os assuntos grandiosos, de facil exhibição plastica, mas os motivos simples, crianças, animais, figurinhas de palmo e meio, que ele trata com requintes de graça e de ternura. Podemos-lo considerar, sem favor, o nosso primeiro animalista. A colecção agora patente, no «atelier» do artista, labor glorioso de muitos anos, animada e mimada, frivola e expressiva, admiravel de ritmo e de observação, tem autenticas obras primas de beleza. Ninguém como João Silva surpreende, com fragancia, a attitude dos animais, no proprio instante em que se desenhavam, o seu movimento saltatório, as suas graciosas cabriolas, o seu jogo muscular, e as suas breves attitudes, de repouzo, em que parece sentir-se, adivinhar-se, mais do que instinto, a intelligencia. E' um genero difficil, em que não se pode compôr, porque a verdade facilmente se verifica. O mais curioso é que o artista, por capricho de sensibilidade, encontra nos seus modelos um alto sentido decorativo.

Parece brincar com eles, fixando-os nas mais variadas posições, ora lutando, ora correndo, ora extaticos, e como que meditativos, sem que a sua visão, poderosamente dissecadora, trala ou falhe essa confusa, obscura e sempre imprevisita coreografia de movimentos. Reproduz-os no seu inteiro dinamismo, força em vibração, de que ele aproveita as linhas, de tal maneira que esquecemos, por completo, a imobilidade e a densidade da materia. E têm um estilo claro, fino, nervoso, da mais bela escola naturalista, que parece gravar o bronze, como incisões sobre a carne, deixando-a a palpitar, a viver.

Destacamos da sua fauna, tão curiosa e rica, o «Casal de Corsos», duma nobre e euritmica elegancia, os «Cabritos», irrequietos, fremetes, volúveis, e o «Burrinho», modelado com grande caracter, um instante imóvel, na sua classica rebeldia.

João Silva apresenta ainda um lindo busto de criança, magnifico de ingenuidade, que sorri á vida, como uma flor ao sol; uma grande estatua — «Saudade» — que empolga pela sua factura; e varias medalhas, finalmente trabalhadas, que o acreditam nessa arte tão difficil, como um dos nossos melhores cinzeladores.

Actos de sabotagem

O agente Pinto, da P. I. C., tem ouvido numerosas pessoas acerca duma queixa apresentada em outubro ultimo pela Companhia Portugal e Colonias, que diz terem sido cometidos actos de sabotagem nas suas maquinas de fabricação de fermentos, em Alcantara. Foram enviados ao Instituto de Medicina Legal alguns desses fermentos fabricados na occasião.

BANCO DE PORTUGAL

O conselho geral do Banco de Portugal reelegue hoje, por unanimidade, para o cargo de vice-governador do Banco, o sr. dr. Fernando Emídio da Silva

Vão ser pronunciados

os directores
do Banco do Minho

Ha cerca de dois anos e meio, em 21 de outubro de 1930, o juiz da comarca de Braga tomava conhecimento duma queixa apresentada pela comissão administrativa do Banco do Minho, em que se apontavam varias irregularidades cometidas pela direcção deste conhecido estabelecimento bancario do norte.

Concretamente, a queixa apresentada referia-se ás negociações entabuladas entre o Banco do Minho e o Midland Bank, de Londres, e a uma carta aberta em nome de Domingos José Afonso considerada menos regular.

As negociações com o Midland Bank haviam sido conduzidas para a abertura dum credito de cento e cinquenta mil libras com a garantia de titulos pertencentes a clientes do Banco do Minho que desconheciam a operação. Os saques realizados posteriormente excederam a importancia fixada de começo, e os proprietarios dos titulos sofreram prejuizos efectivos de certo valor.

Isto o que a queixa indicava quanto ao negocio com o Midland, considerando a operação proibida por lei.

Quanto á conta aberta em nome de Domingos José Afonso para compra e venda de accções do Banco era desconhecida deste accionista, considerando-se tambem este acto proibido por lei.

O juiz da comarca de Braga, apreendendo os elementos que lhe foram fornecidos, mandou pronunciar, por pratica de irregularidades, os directores do Banco do Minho, a quem foram arbitradas fianças entre quatro e seis mil contos.

Nenhum dos arguidos se conformou com o despacho de pronuncia, tendo recorrido todos para a Relação do Porto que, por accordão de 17 de dezembro do ano passado, concluiu que, não se tendo verificado os elementos essenciais do crime nem a intenção criminosa, se devia arquivar o processo.

Deste accordão, recorreu o Ministerio Publico para o Supremo Tribunal de Justiça que hoje julgou o recurso concedendo a revista pedida pelo Ministerio Publico e mandando pronunciar todos os arguidos.

O processo vai baixar á Relação, a fim de se apurar o grau de responsabilidade de cada arguido.

Effectuaram-se novas prisões
de falsificadores de notas

Proseguem activamente as investigações policiaes para a descoberta dos implicados na passagem de notas falsas de 500 pesetas e de papeis de credito.

O chefe Pereira dos Santos, auxiliado pelos agentes Baptista, Mira Leal e Tavares, depois de interrogarem hoje alguns dos presos, effectuaram uma diligencia de que resultou serem presos José Antonio Faria de Sá, rua do Duque, 18, e Manuel Antonio Franco. Ao primeiro foi apreendida uma nota falsa de 500 pesetas, que, segundo ele declarou, lhe foi entregue por Antero da Silva Araujo, já preso tambem.

O aludido chefe policial apreendeu tambem a outro individuo 26 notas falsas de 50 pesetas, notas essas que o referido individuo pretendia trocar numa casa bancaria por mandado do falsificador Albino Mendes.

As dividas de guerra
e a nossa situação

LONDRES, 27.—O delegado português entregou hoje, na secretaria da Conferencia Economica, um «memorandum» no qual faz larga exposição da attitude de Portugal em face do problema das dividas de guerra, declarando que Portugal não necessita de assistencia financeira, neste caso, por se considerar credor e não devedor.—(United Press).

ESTUDANTES

Medicos e Advogados

Leiam o livro "O Segredo Medico é compativel com o estado actual da ciencia e da vida social!?",

DE LUTO

A MORTE INESPERADA

do comandante

Nunes Ribeiro

Nos quartos particulares do hospital de S. José faleceu ontem o sr. comandante Nunes Ribeiro, director dos serviços radio-telegraficos da armada.

Era um oficial de marinha distintissimo, que prestou a esta corporação os mais brilhantes serviços.

Alistou-se na armada em 1897 ocupando actualmente o posto de capitão de fragata. Em 1911 elaborou um projecto de reforma dos serviços de marinha, trabalho que os entendidos consideraram como de grande importancia. Dedicou-se depois a algumas das especialidades da sua profissão, primeiramente á hidrografia, preparando uma carta da Costa de Portugal, e depois á radiotelegrafia, fundando o posto de Monsanto e a escola de radiotelegrafistas.

Durante os ultimos anos eram estes serviços que ocupavam a sua actividade, dedicando-lhes o melhor duma atenção carinhosa e duma intelligencia pouco vulgar. Republicano desde os bancos das escolas, colaborou na preparação do movimento de 5 de outubro tendo depois demonstrado sempre em ocasiões difíceis a sua dedicação pelo regime que ajudara a implantar.

Deputado ás Constituintes, filiou-se no partido unionista que calorosamente acompanhou.

A sua acção brilhante nas campanhas coloniais, durante a Grande Guerra em todos os movimentos contra as instituições republicanas consagrou-se como um official decidido e prestigioso.

O corpo do comandante Nunes Ribeiro foi hoje de madrugada transportado do hospital para a capela do Arsenal, tendo assistido á trasladação muitos dos amigos e admiradores do extinto.

A família enlutada apresenta o *Diário de Lisboa* a expressão sentida do seu pesar.

Na capela do Arsenal estiveram hoje velando o cadaver do comandante Nunes Ribeiro muitos dos seus camaradas da armada, entre os quais o sr. capitão de fragata Manuel Pessanha, chefe de gabinete do sr. ministro da Marinha.

Também ali esteve um representante do sr. presidente da comissão administrativa da Camara Municipal. O funeral realiza-se amanhã, ás 15 horas, para o cemitério dos Prazeres.

Antonio Augusto de Sousa

Constituiu uma grande manifestação de pesar o funeral, que esta tarde se realizou, do sr. Antonio Augusto de Sousa, chefe de serviço das Alfandegas.

Durante o dia foi grande o numero de pessoas que apresentaram cumprimentos á família enlutada, incorporando-se no funeral elevado numero de amigos do extinto, e numerosos funcionarios da Alfandega.

O feretro ficou depositado em jazigo de família. Dirigiu o funeral o sr. engenheiro Alvaro Frade. Não se realizaram turnos.

A campanha do Sul de Angola

Por motivo do falecimento do comandante Nunes Ribeiro, official muito estimado dos seus camaradas, não se realiza hoje a sessão comemorativa da acção do batalhão de marinha expedicionário ao sul de Angola e que era promovida pelos officiais que fizeram parte dessa columna. A sua realização fica transferida para o proximo dia 4 de julho, data do aniversario do inicio das operações no sul de Angola.

A Cidade

TRANQUILIZEM-SE OS BANHISTAS!

As autoridades só proibiram os trajes e as atitudes que ofendam a moral pública

A questão dos fatos de banho está na ordem do dia em Portugal, como o esteve no Brasil, ha dois anos. Ali produziu discussões, polemicas jornalisticas. E até o teatro tomou conta do caso, numa revista de exito, intitulada: *Com que roupa?* E no nosso país, pouco falta para que a questão assumia identicas proporções.

A nota publicada, em 9 do corrente, pela Direcção Geral de Segurança Publica veio lançar o alarme nas praias portuguesas. Nela se falava em reprimir, severamente, não só o nudismo, mas a exhibição de trajes que, pela sua simplicidade ou transparência possam ofender o pudor.

A doutrina da referida nota é boa, e a unica compativel com a boa moral. Mas da doutrina ás interpretações vai uma grande distancia. E parece que ha cabos de mar que têm exorbitado, fazendo afastar das praias pessoas em trajes modernos, embora decentes. E esta attitude, depois da nota, ainda veio aumentar o terror e a desorientação entre os banhistas, e principalmente entre as banhistas que não sabem se os fatos que possuem, os que encontram á venda poderão incorrer nas iras dos pudicos cabos de mar.

Resultados praticos: menor affluencia ás praias; menor venda de fatos de banho; prejuizos para os banheiros, para os comerciantes, e para os banhistas que se privam da influencia benéfica dos banhos de mar ou de sol.

Alarmada com o facto, a direcção da Associação dos Lojistas de Lisboa enviou ao sr. ministro do Interior uma representação, apoiando a intenção da nota, mas dizendo que a forma, rigorosa em excesso, como as autoridades maritimas a estão interpretando, tem provocado um retraimento grande da parte dos compradores de fatos de banho, devido ao recuo justificavel, que têm, de adquirir fatos que não sabem se são permitidos. Chama a Associação á atenção do governo para o prejuizo que sofrem, não só o comercio, como a industria nacional que fabrica em série fatos dos modelos usados nos países civilizados. E termina, propondo que se proíba, clara e expressamente, apenas:

— as praticas de nudismo.
— os actos que atentem contra os bons costumes e a moral publica;
— o uso de simples calções de banho;

— o uso de fatos cuja transparencia possa sugerir quaisquer reparos;

— e o uso de fatos com as alças deslocadas dos ombros, de modo a provocar a exhibição do peito nu.

A venda tem diminuido

Fômos direitos á primeira casa onde se vendem fatos de banho: o Ramiro Leão

Eis o que nos disseram:

— Temos sentido, ultimamente, alguma diferença na venda de fatos de banho. Primeiro, houve a noticia de que não se podia tomar banho antes de 1 de junho; depois, a incerteza do tempo; por fim, a nota da Direcção de Segurança. Muitas freguesas perguntam-nos quais são os fatos autorizados, e quais são os proibidos. Nós temos fatos para todos os paladares, mas não lhes sabemos responder...

As ordens da Capitania

Pretendendo tranquilizar os banhistas, e esclarecer o publico em geral, dirigimo-nos á Capitania do Porto, a perguntar que instruções haviam sido dadas aos cabos de mar.

A resposta foi esta:

— Temo-nos limitado a recomendar-lhes que cumpram as disposições do edital de 1 de maio, que está affixado em todas as praias.

Ora esse edital, assinado pelo sr. comandante Jorge Parry Pereira, chefe do Departamento Marítimo, dispõe apenas o seguinte, acerca de fatos de banho:

«E' expressamente prohibido: comparecer ou permanecer nas praias em trajes ou atitudes que ofendam a moral publica».

Na parte referente aos banhistas, acrescenta o referido documento:

«E' absolutamente prohibido, excepto para crianças, tomar banhos de mar ou sol, sem fato completo de banho».

Por «fato completo de banho», entendem todas as pessoas inteligentes — e devem entender os cabos de mar — os trajes que escondam o sexo e tapem o tronco até á altura sufficiente para não deixar á mostra os seios.

Isto é: na praia, pode andar á mostra, nada mais, nada menos que o que o publico — homens, mulheres e crianças — pode ver, todas as noites, em qualquer teatro de Lisboa, «avisado pela Inspeção Geral dos Espectáculos...».

Ameaças de morte?

Encontra-se preso nos calabouços do Tórel José Ferreira, residente na rua do Benfornoso, 65, 4.º, por ser portador duma pistola, sem que para isso tivesse a respectiva licença. Interrogado pelo agente Sequeira, declarou ter achado a arma no Campo Grande. Parece, porém, segundo o referido agente averiguou, que o preso pretendia agredir com a pistola a sr.ª Isabel Baptista, por esta o ter abandonado, pois já por varias vezes a ameaçara de morte.

O caso continua a ser deslindado pela Policia, que vai pôr tudo a claro.

O exito maximo da temporada

O TESTAMENTO DO DR. MABUSE

a obra prima de FRITZ LANG

continua em pleno exito no SAO LUIZ

BATERIAS ROLLS

para automoveis
618 volts 85 amp.
260\$00

Avenida Stand, L.da
R. Jardim Regedor, 57 e 59

UMA BRUXA EM JUIZO

O caso de Soalhães visto por nós e pela letra do Código

O caso chamado dos Soalhães determinou já um julgamento correctoral — o da bruxa do Candal — comentado por um dos nossos redactores na sessão «Chá das Cinco», que procura sempre ser amena e não magoar ninguém, nem mesmo os que ainda crêem na efficacia dos esconjuros.

Claro que, á face dos codigos, a sentença, tão leve como o comentario do jornalista, que quasi absolveu de culpa a nigromante Olivia, estava certa, absolutamente certa, visto ter-se provado também, desde a primeira hora, que não foi a negregada criatura quem acendeu com suas mãos a fogueira em que os ossos da possessa se reduziram a torresmos.

O sr. dr. José Teixeira de Carvalho, meretissimo juiz de Marco de Canavezes, que a julgou e nos escreveu a estranhar o comentario, não tem, nem pessoalmente nem como julgador, que ser visto ou achado no tragico acontecimento. Foi justo; cumpriu a lei, applicando-a ao caso posto — como lho puzeram — e daí lavou as suas mãos applicando á ré o castigo do Código.

Não impede isso, porém, que nós, fazendo justiça também, entendamos que «a causa da causa é a causa do causado» e, consequentemente, que a bruxa Olivia devesse ser levada á juizo não por simples burla, acusada de vender «S. Solimões», mas por culpa, mediata pelo menos, do crime que se cometeu.

De certo, não foram os aldeãos de Soalhães que espontaneamente adquiriram a crença de que, para tirar o diabo do corpo de alguém, era certa e precisa a receita da fogueira purificadora; e foi precisamente por ter sido aconselhado esse medicamento macabro, e não por vender «Solimões», que a bruxa do Candal se prendeu, se processou, e se devia ter julgado.

Reduziu-se tudo a uma burla simples, como se reduziu a cadaver o corpo da vitima. Está certo á face da consciencia do publico, sobretudo pela injustiça que vai cometer-se amanhã ou depois, quando se condenarem os executores da doente, vitimas como ella da sua propria ignorancia e das malignancias lucrativas de todas as bruxas.

Que, apreciadas bem as coisas, fica de pé, ainda, o criterio posto no «Chá das Cinco» de ha dias: custa muito mais barata a justiça em Marco de Canavezes do que nos Pequenos Delitos do Tórel.

Lá, a bruxa, por ser bruxa e vender «S. Solimões», fez a coisa com trezentos escudos; aqui, na capital, basta deitar as cartas e recetar marcela para as dores de estomago, sem inspirar autos de fé nem ser causa de prejuizos graves, para se pagar por milhares de escudos o formulario inofensivo.

E a Justiça... é sempre a mesma!

Os exercicios de artilharia que se realizam amanhã

Realizam amanhã exercicios de artilharia, com fogos reais, as seguintes unidades: baterias da Trafaria, Cascais, S. Gonçalo, Parede e Arreiro, com tiro nocturno, para avios flizos e rebocados; o grupo n.º 2 de Artilharia Pesada, em Belas, e o grupo n.º 1 de Artilharia Pesada, de colaboração com o batalhão de Aerosteiros no Mouchão da Povoia.

CONSELHO DE MINISTROS

Regne-se amanhã em Belem, pelas 16 e 30, o conselho de ministros.

O AUTOMOVEL ESSEX "TERRAPLANE"

8 CILINDROS

**conduzido pelo seu proprietario o Ex.^o Snr. João Gellweiler ganhou
na 2.^a Prova de Resistencia e Turismo:**

**O primeiro premio da Classificação Geral
O primeiro premio da sua categoria
O primeiro premio de arranque de 500 metros em Evora
O primeiro premio da subida da Covilhã
O primeiro premio de elegancia na sua categoria na Curia
O primeiro premio de velocidade no Estoril
etc. Cinco Taças.**

O carro está em exposição,

na P. Duque da Terceira n.º 4 — LISBOA

Distribuidores gerais em Portugal

OREY ANTUNES & C.^a L.^a

LISBOA — 4, Praça do Duque da Terceira

PORTO — 59, 69, Avenida dos Aliados

Este carro ia calçado com pneumaticos

"GOODYEAR"

Mundanismo

Aniversários

Fazem amanhã anos as sr.ªs:

D. Maria do Carmo Magalhães e Meneses Vi-
lar, D. Miquelina Angela de Bessa Pinto e
D. Leonor da Camara Leme.

Casamentos

Na paróquia de S. Pedro, em Alcantara, rea-
lizou-se, com muita intimidade, o casamento
da sr.ª D. Fernanda da Conceição Portas com
o sr. Fernando Antonio Silva, servindo de
madrinhas as senhoras D. Cecília Horta e D.
Rosa Maria Portas, e de padrinhos os sr.ªs D.
Antonio de Melo Breyner (Mafra) e João Por-
tas.

Aos noivos foi oferecido grande numero de
valiosas prendas.

—Pelo comerciante sr. Leão Kadosch, foi
pedida em casamento, para seu irmão sr. Si-
mão Kadosch, a mão da senhora D. Estrela
Anahory Benarus, gentil filha do sr. Arão Be-
narus (já falecido) e da senhora D. Judith
Anahory Benarus.

Nascimento

Na Casa de Saude de Benfica, teve o seu
bom sucesso a sr.ª D. Angelina Simões, que
teve como medico assistente o distinto cirur-
gião sr. dr. Fernando Freitas Simões. Mãe e
filho estão bem, feliz mente.

A Caridade

Na Quinta das Campainhas

Continua amanhã à noite, na quinta das
Campainhas, em Calhariz de Benfica, o «Ar-
raial popular» de caridade que uma comis-
são de senhoras da nossa primeira sociedade
de leva a efeito com um fim verdadeiramente
altruista, em que haverá todos os divertimen-
tos que são de uso nestes folguedos popula-
res.

Os bilhetes de entrada, ao preço de 2\$50,
vendem-se à entrada, reservando-se o direito
de admissão.

No Parque Fontalva

Amanhã à noite, mais uma vez vai, decerto,
ser o Parque Fontalva, onde se está realizan-
do um grandioso festival de caridade, orga-
nizado por uma comissão de senhoras da
nossa primeira sociedade, a favor de varias
instituições de beneficencia, o ponto de reu-
nião preferido pela nossa melhor sociedade.

No grandioso festival popular o bilhete de
entrada custa apenas um escudo.

Pontos de reunião

No Nacional

Assistencia elegante à recita de ontem da
companhia de declamação da actriz argentina
Camila Quiroga.

D. Maria de Fatima Tamagnini de Oli-
veira, senhora do conselho da legação de
França, senhora do adido militar espanhol,
condessa do Cartaxo (D. Maria), condessa
de Sueña, D. Branca de Atouguia Pinto Bas-
to, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Maria
José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Angelina
Carvalho Teles da Silva, D. Maria Izabel de
Souza Rego de Campos Henriques, D. Ana Di-
niz de Melo Rego e filhas, D. Maria Izabel Or-
tigão Burnay de Almeida Belo, D. Octavia
Stromp Martins Pereira, D. Albertina da Ca-
mara Rodrigues Walden Supardo, D. Laura
Tenreiro Iharco da Silveira Viana, D. Maria
de Lourdes Infante da Camara Duarte de
Oliveira, D. Alice Pedrosa Olimpio, D. Aizira
Colação Cordeiro Ramos, D. Angelica Pavão Pe-
reira da Rosa, D. Maria da Assunção Cirne de
Carvalho, senhora do major Pereira Coelho e
filha, D. Julia de Castro e Almeida de Melo
Breyner, D. Dulce Cortez, D. Maria Mexia de
Bettencourt, D. Marcela Bernard Cayola, D.
Emilia Ferreira, D. Izilda de Vasconcelos Sal-
gado, D. Maria Eugenia Olimpio de Seabra,
D. Florinda Dias Ferreira Fragoço, D. Ema
Bastos Dias Costa, D. Alda de Matos Ferreira
de Castro, D. Maria Izabel Ferreira de Castro
de Vilhena, etc.

Em viagem

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria
Luiza de Paiva Raposo de Almeida, partiu
para Londres, onde seguirá para Paris, em
viagem de estudo, o distinto clinico sr. dr.
Gustavo Medeiros de Almeida.

—De Barcelona, regressou a Sintra o nosso
querido amigo sr. D. Alberto de Velasco y
Mera.

Doentes

Na Casa de Saude de Benfica, encontra-se
em via de restabelecimento o reverendo José
Augusto de Carvalho, prior de Cótimos, fre-
guesia de Trancoso, que naquella Casa de
Saude foi operado, com muito exito, pelo dis-
tinto cirurgião sr. dr. Amandio Pinto, com a
assistencia do illustre professor de neurologia
sr. dr. Egas Moniz.

—Foi hoje operado, com muito exito, no na-
riz e garganta, pelo distinto especialista sr.
dr. Luiz Maciel, o menino Alberto Manuel,
filho do nosso querido amigo e camarada
Carlos da Mota Marques, sendo o estado do
enfermo, felizmente, satisfatorio.

SORTES GRANDES

só a casa COSTA, LDA. as vende

75—Rua de S. Paulo—77

TEMAS DE ACTUALIDADE

O NOSSO IMPERIO COLONIAL
e o papel da aviação

Parece-me que um dos assuntos que
deveria interessar a actividade ma-
nifestada nas decorridas conferencias
sobre o nosso Imperio Colonial seria
o da Aeronautica. A Africa, dividida
pela soberania de Portugal-Inglatera-
França-Italia e Espanha, vê a sua
imensidade territorial gigantescamen-
te defendida da civilização nos seus
longínquos recantos pela falta de es-
tradas e caminhos de ferro que nem
utopicamente podemos palpar real-
izáveis como conviria. Como um so-
nho de megalomano poderíamos ima-
ginar o desbravamento do Continente
Negro por ligações e meios de comu-
nicação que entre as grandes distan-
cias bem poderiam significar ruína.
E' atravez da Africa, mais do que em
qualquer outra região do globo, que
a aviação poderá manifestar o seu
elevado valor como meio de trans-
porte. O começo está lançado sem a
nossa pratica colaboração. Portugal,
nação colonial, possuidora de ricos e
extensos territorios em Africa, é a uni-
ca Nação com interesses ligados a es-
se continente que não tem ainda qual-
quer modalidade aeronautica que a
sirva. A Inglaterra cria e desenvolve
numa inteligente protecção a sua
avição patricular; lança atravez da
Africa, de Norte a Sul, as suas car-
reiras aereas, a sua Imperial Airways
do Cairo ao Cabo; tem as suas bases
militares nos pontos que melhor ser-
vem o seu dominio. A França, no Nor-
te e no Sul, na sua linha de aerodro-
mos e esquadilhas da Africa Occiden-
tal Francesa—A. O. F.—enraiza as
suas forças aereas; comercialmente
faz a travessia do Deserto do Sahará,
faz a travessia do Rio do Ouro e da
Mausitania ligando a Europa ás Ame-
ricas do Sul. A Italia domina e defen-
de as suas colonias africanas criando,
desenvolvendo e modernizando as
suas esquadilhas aereas na Tripoli-
tania e Cirenaica. A Espanha, senho-
ra das areias das terras de fome e de
sede, onde a vegetação rareia e a du-
na impera, tem nas suas esquadilhas
de Cabo Juby e Vila Cisneiros o mar-
co indicador da sua soberania. A Bel-
gica dedica um grande interesse á já
montada e bem organizada aviação
colonial. Portugal não responde á cha-
mada nesta parada de modernas for-
ças, de garantida colonizadora.

Porque havemos de esperar mais,
confundindo a nossa acção bem cla-
ra e interessante de povo colonizador
com o atrazo de adaptação aos pro-
veitosos processos de trabalho e ci-
mentação de tradições. Que nos falta
para que possamos cadenciar nossos
passos nas fileiras dos que caminham
e se preocupam? Dinheiro?

Balófo e inquietante me parece tal
argumento. A intelligencia servindo o
moderno espirito não se espalha di-
vagando pelo passado sem que trace o
caminho do futuro alicerçando o pre-
sente. Esse caminho custa sempre di-
nheiro que pode ser melhor ou pior
empregue.

Sem processos modernos, sem uma
visão clara do que vem, jamais po-
deremos consentir que em nossa ima-
ginação se forme a ideia de que po-
deremos progredir. A Aviação é se-
guramente um dos grandes elemen-
tos desse todo a que se pretende jun-
gir com elevação e criterio o nosso
Imperio Colonial.

No turbilhão comandado em que
giram formulas de governo que mu-
ito prestarão ao bom andamento e
consolidação do nosso dominio colo-
nial, decerto resiste em aberto o lu-
gar destinado á nossa Aeronautica
Colonial.

Falámos dela com o interesse que
nos merece tudo quanto nos ligue ao
que é nosso de facto e de direito
Olhemos a Marinha! A sua acção, os
seus feitos, as suas tradições, corren-
do Mares, mostrando nos portos na-
cionais e estrangeiros os seus ele-
mentos, esses bocados de aço, que são
bocados da nacionalidade, estadean-
do a nossa bandeira, impondo a nos-
sa raça.

O seu natural complemento, as na-
ves do ar, sobrevoando as areias
dos grandes Desertos, sobrevoando a

selva virgem, e o mundo que se es-
palha primitivo em quilómetros e qui-
lómetros que preciso é vencer e na-
cionalizar, serviços têm prestado que
bem confirmam o seu valor.

A sua acção indiscutível, fortemen-
te provada nas regiões onde impera
já a civilização, levada foi já aos mais
reconditos sitios, para Norte e para
Sul, para os gelos e para a selva, pa-
ra toda a parte, robustecendo conti-
nuamente a acção empreendedora do
homem em todos os campos da sua
actividade. O nosso despegado Impe-
rio que no navio sente sempre o bra-
ço da mãe Patria, viverá mais forte,
viverá mais português, quando a ban-
deira de Portugal acompanhar o ron-
co dos motores das naves aereas que
aproximam, que enlaçam energias
que despertam actividades acabando
com o pesadelo das distancias.

Na Africa, a Guiné, Angola e Mo-
çambique mostram bem quanta falta
lhes faz o avião. Nas ligações entre si
ou com a metropole alguma coisa de-
via estar feito já e no entanto nem a
simples avioneta dá ao governo cen-
tral, de cada uma delas a faculdade
dum transporte rapido tantas vezes
preciso através dos seus extensos ter-
ritorios. Que o digam, e esses melhor
que ninguém, todos os governadores
coloniaes, quantas vezes lhe sentiram
a falta! A nossa India lá vai fazendo
sentir os proveitosos ensinamentos do
mundo colonial. Os seus dois peque-
nos aviões são já uma promessa que
merece attenção.

Macau. A resposta está dada pela
leitura do relatório do Ex.º almiran-
te Ivens Ferraz, acerca do seu cruzei-
ro nos mares da China. O que viu e
sentiu melhor do que as palavras nos
mostram quanto era necessario la ter-
mos uma base. E Timor? Tão distan-
te! E' ver o desenvolvimento da Avia-
ção nas Ilhas suas vizinhas, hoje dos
Holandeses, ás quais, pelas suas car-
reiras aereas com a Europa, nos con-
vinha estar ligados.

E não quero falar das nossas Ilhas
do Atlantico. Não é preciso somar ar-
gumentos, estou disso convencido.

E' preciso apenas... lembrar o assun-
to. Se ele é tão claro!

Aguardemos, com alguma esperan-
ça, a nova era que desde já se deve
manifestar como consequencia das
conferencias decorridas sobre o nosso
Imperio Colonial. A Aeronautica não
passou, com certeza, por detrás da se-
gura mentalidade dos nossos gover-
nadores.

H. CRUZ

FOGO DE VISTAS



Banana não tem carvão!... E' este o pri-
meiro verso do estribilho dos couplets que a en-
diabradissima Beatriz Costa, conforme se vê
acima, canta no numero famoso e celebrado
da revista Fogo de Vistas, intitulado A Banana.
Ver este numero, só por si, é apanhar uma bar-
rigada de alegria que durará um ano inteiro.

Café-Restaurante «Chic»

Almoços e jantares á carta.
Prato do dia abundante e varia-
po. A s sextas feiras bacalhau á
«Chic».

Sonetos

A uma mulher

Choras um bem, venturas que perdeste,
Olhas, saudosa, teu passado errante,
Lembras o fausto que te deu o amante,
E tudo aquilo que a doirar tiveste!

Desnudou-te o Destino (e tu descesce...)
As vestes da beleza rutilante,
E, hoje, triste e só e vacilante,
És a sombra perdida, em noite agreste..

Velha e feia, descrente, desolada,
Vagabundeiias, esmolando o pão,
E ele passa por ti... mas tu és «nada»!

Não pensaste que o bem tem pouca dura,
E o futuro esqueceste, na ilusão
De julgares eterna uma ventura!

Desespero

Por caminhos vagoio, triste e errante,
Sem saber ao certo o que procuro.
Se subo, já cansado, o monte duro,
Ou vergo, lasso, o corpo vacilante,

Não sei que sinto em mim de torturante
Que me torna por vezes obscuro
E faz de mim um ente tão perjuro,
Que ousa duvidar do que é constante.

Tolda-se-me a razão, e se me vejo
Rodeado de seres insensíveis,
Como a terra que piso ou bruta fera!

Então blasfemo, esqueço o que desejo:
Vivo mundos reais e mais tangíveis,
Onde o mal é sustento, o bem quimera.

Os cativos

Os cativos, chorando e já sem vida,
—Almas que o crime ennegreceu um dia
E toldou a razão inerte e fria—
Alongam o triste olhar, na despedida...

No deserto da alma dolorida
Já não sorri a estrêla fugidia
A semear esp'rança, alegria,
Nem canta a liberdade prometida.

Perto lhes fica o mundo, eo sol flameja,
Mas o duro destino inexoravel
Ali os paralisa e ali peleja...

Na prisão, os cativos, esquecidos
Na sua eterna noite inviolavel,
Tombam, inanimados e vencidos...

Dor intima

Porque não bebo eu da mesma taça
Os prazeres do mundo, e so tristeza
Colho a cada instante, na incerteza
Daquilo que desejo, ante mim passa?

Um espinho, em sangue, me trespassa
O pobre coração, nada mais tenho
Na vida, a não ser cuidado estranho,
Tendo por sol, sómente, uma luz baça.

Mais valera minha alma ter nascido
Imersa em ignorancia, reduzida
A triste escravidão, ter sucumbido,

Quando ao primeiro vôo interpretar
Quiz os mistérios intimos da vida:
Porque ao menos sofria... sem chorar!

Lisboa, 1933

HERNIQUE VENTURA

POLICLINICA DO ROCIO

L. D. João da Camara, 19—(Ao Rocio)

Telef. 2 6660.

DR. A. PINA JUNIOR—Clinica geral e

das crianças—14 h.

DR. REGO CORDEIRO—Rins e vias uri-

narias—A's 11 h.

DR. CANCELA DE ABREU—Medicina

geral, doenças nervosas—17 h.

DR. CORDEIRO BLANCO—Doenças dos

olhos—11,30.

DR. F. MARTINS PEREIRA—Medicina

geral, coração e pulmões—15,30 h.

DR. OLIVEIRA MARTINS—Doenças das

senhoras-gravidez, ás 15.

DR. JOSE PAREDES—Cirurgia geral,

operações—16 horas.

DR. CORDEIRO LOBATO—Garganta,

nariz e ouvidos—14 h.

DR. JORGE FALCÃO—Pele e sífilis—

15 h.

DR. GENTIL BRANCO—Raios X.

DR. GONÇALVES VITERBO—Doenças

de boca e dentes, ás 17 h.

DR. REIS VALLE—Analyses clinicas.

Diathermia, ultra-violeta, infra-verme-

lhos, galvanisação, maçagem e gim-

nastica medica.

—Quer V. Ex.ª uma boa cerveja

vá á «Chic»

Um colossal combate

no torneio de luta PANCRAE

HOJE NO COLISEU

MANUEL GRILO contra MARTON

o ágil e artemista lutador húngaro

4 -- renhidosimos combates -- 4

Variedades antes das lutas

A inscrição de Manuel Grilo, o simpático e admirado atleta português, no Torneio de Luta Pancrae que se está realizando no Coliseu, mais uma vez demonstrou a solidariedade dos indivíduos do mesmo povo e da mesma raça.

O Coliseu encheu-se hontem não só dos admiradores do lutador Grilo, mas também de muitos que por este defendido o nome Manoel Grilo, que vo, foi acarinhado compatriotas.

O nosso publico e homenagem que se reira desportiva de

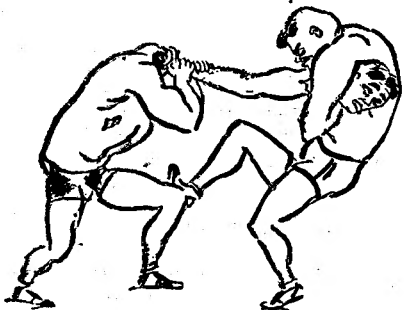
O seu combate o ágil e artemista húngaro terrível adversário Grilo domina-lo? E' cas horas saberemos

Os outros 3 combates da sessão de

hoje são os seguintes:—Vocopannolle, belga, contra Morandi, italiano; Zwahlen, suíço, contra Benedicto, espanhol; e Malezieux, francês, contra Ben-Chemoul, argelino. Qualquer destes é formidável, pela categoria dos seus contendores.

Este torneio termina na proxima segunda-feira, 3 de Julho, visto que é impossível aos lutadores resistirem para mais sessões desta luta violentissima.

Antes dos combates, um novo e interessante acto de variedades. Preços populares.



outros que ancia-torneio ficasse bem de Portugal. E assim combate hoje de no-por milhares de

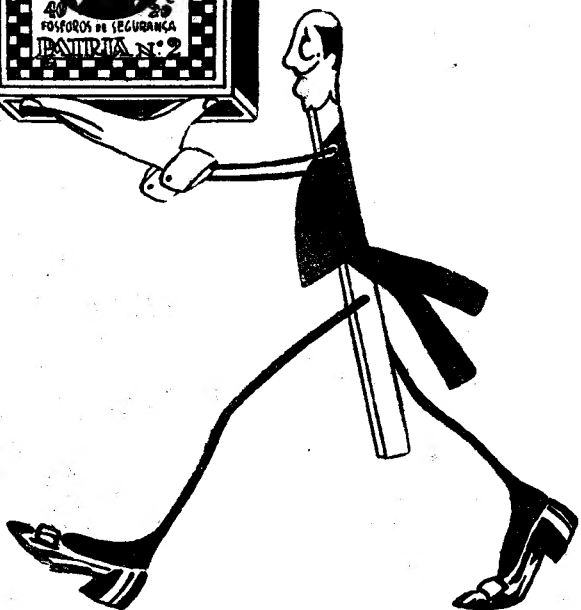
Este facto honra corresponde a uma deve á gloriosa car-Manoel Grilo.

desta noite é contra garo Marton, que é sario. Conseguirá o que dentro de pou-no Coliseu.

bates da sessão de

FOSFOROS PATRIA

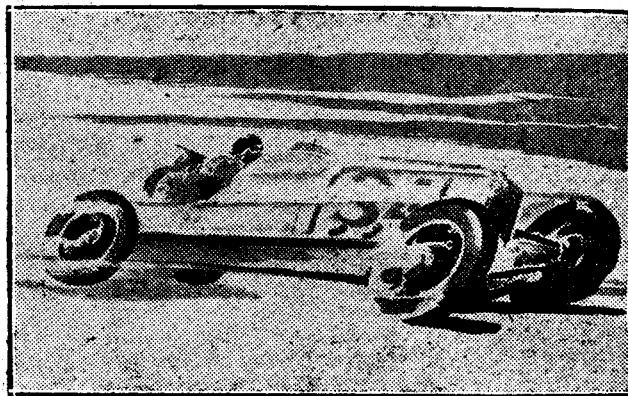
OS MELHORES



E OS QUE MAIS VANTAGENS OFERECEM AOS CONSUMIDORES

SOCIEDADE NACIONAL DE PHOSPHOROS

CHAMPION



CORRIDA DE PENA RHIN

1.º ZANELLI - EM ALFA-ROMEO

2.º VASCO SAMEIRO - EM ALFA-ROMEO

AMBOS COM VELA

CHAMPION



A VELA DOS CAMPEÕES

REPRESENTANTES
EXCLUSIVOS PARA
PORTUGAL

C. SANTOS L.ª

R. DO CRUCIFIXO, 57
LISBOA

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21 e 30—«Alfama».
Nacional—A's 21 e 30—«La luna en el pozo».
Avenida—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Fogo de vistas».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«As Lavadeiras».
Variedades—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Saudade... palavra doce!».
Coliseu—A's 21 e 45—Luta Pancrae e variedades.

CINEMAS

São Luiz—A's 21 e 30.
Cine Gimnasio—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Odéon—«Matinée» ás 15. Soirée ás 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Royal Cine—A's 21—Cinema Sonoro.
Capitolio—A's 21—Cinema sonoro.
Chado Terrace—A's 21 e 30.
Olimpia—Sessões continuas das 14 e 30 ás 24.
Pavilhão Português—Cinema sonoro.
Salão Ideal—A's 18.
Paris-Cinema (Sonoro)—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema—Avenida Alvares Cabral—A's 21 e 30.
Belem-Jardim—Espalorada e Cinema—Rua Bartolomeu Dias.

Sabado anda a roda!

Está á bica nesta casa a

SORTE GRANDE

400.000\$00

Desde já temos á venda

Bilhetes a 170\$00

Vigesimos a ... 8\$50

(Pelo correio mais 1 escudo)

Pedidos a

D. E. Gouveia & Silva

SUCESSOR

Manuel Alves da Silva Neves

84 - R. da Assumpção - 86

(PROXIMO Á R. DO OURO)

URODONAL

INDISPENSÁVEL AO REUMATICO

PARA TRATAMENTO COMPLETO COMPREM

FRASCO TRIPLE

ECONOMIA de 30%

3 VEZES O CONTEUDO DO FRASCO NORMAL

Secretaria Judicial da 4.ª Vara de Lisboa

Faz-se saber que pelo Juiz de Direito da 4.ª Vara de Lisboa, cartorio da 4.ª secção, nos autos de arrolamento, a requerimento do Ministério Publico, de dividendos de acções e obrigações, saldos de contas, contas correntes, saldos de depositos, obrigações das Classes Inactivas, prescritos, do Banco de Portugal, correm editos de 30 dias que serão contados a partir da 2.ª e ultima publicação do presente anuncio, citando quaisquer interessados incertos, que se julgarem com direito aos referidos valores prescritos e arrolados, para no prazo de vinte dias findo que seja o dos editos, deduzirem querendo, a sua habilitação nos termos do § 1.º do art. 691 do Código do Processo Civil e demais legislação applicavel.

Lisboa, 22 de Abril de 1933.

O escrivão da 4.ª secção da 4.ª Vara de Lisboa

Manuel Barreiros Goulão

Verifiquei. O Juiz de Direito:

Carneiro de Almeida



Secretaria Judicial da 6.ª Vara de Lisboa

Por sentença de 26 de julho de 1932 que transitou em julgado, foi decretado o divorcio definitivo entre os conjugues Olimpio Eduardo Costa e D. Edwiges do Carmo Rosa.

O que se anuncia para os devidos efeitos.

Lisboa, 21 de junho de 1933.

O escrivão do 2.º officio

Celestino Augusto Nunes

Verifiquei, O Juiz de Direito

Rocha Ferreira

Quer a sorte grande?
Habitue-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

SORTES GRANDES ?

Só a casa COSTA, LTD. as vende
74-Rua de S. Paulo - 74

ESTRANGEIRO

Dr. Armando Narciso

Clinica medica
PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.º
Tefel. 21738

O DESARMAMENTO

As dificuldades prosseguem

A conferencia deve ser adiada

PARIS, 27.—Paul Boncour recebeu ontem o sub-secretario do Negocios Estrangeiros da Gran-Bretanha e o director dos serviços britannicos junto da S. D. N., que passaram em Paris com destino a Genebra. As conferencias de Henderson e Paul Boncour e a reunião da mesa da Conferencia do Desarmamento chamam a atenção da imprensa sobre Genebra. Não puderam aplaudir-se as dificuldades que surgiram na Conferencia do Desarmamento e Henderson regressou a Londres sem ter obtido quaisquer resultados. Em vista disso, todos os jornais concordam com MacDonald, sendo de opinião que é preferível não agravar os malentendidos de Londres com os de Genebra e que a solução mais racional e mais prudente seria adiar a conferencia para setembro.

A proposito, o «Excelsior» escreve: «É possível e desejável a continuação dos trabalhos da Conferencia do Desarmamento ao mesmo tempo que os da Conferencia de Londres? O bom senso responde com a negativa. Henderson debalde procurou na ultima quinzena reunir em Londres a mesa do desarmamento. MacDonald, recusando-lhe o mais modesto compartimento no Museu Geologico, deu-lhe claramente a entender que era melhor não agravar as actuais dificuldades». (Havas).

A' procura de Mattern

NOVA YORK, 27.—Parte amanhã para Nome (Alaska) uma expedição aerea, a fim de procurar Mattern. O avião «Bellanca», em que Clyde Pangborn e Hugh Herndon fizeram o ano passado a volta ao mundo, será posto á disposição de Bill Alexander, que durante três anos foi piloto em Alaska, de Fred Fetterman e Harold Person, mecanicos do aerodromo de Floyd Bennett, e de Thomas Abbey, policia de Nova York, todos amigos pessoais de Mattern. (Havas).

As aguas dum rio croata enegreceram subitamente

VIENA, 27.—As aguas do rio Odra, na Croacia, tornaram-se subitamente negras, ao mesmo tempo que a superficie appareciam milhares de peixes mortos. O fenomeno causou espanto e terror. Parece que se deve ao facto de a corrente ter entrado em contacto com depositos mineraveis. O governo checo-eslovaco nomeou uma comissão de estudo. (Americana).

As finanças francesas

PARIS, 27.—O ministro das Finanças, por decreto publicado ontem, reduziu de 1 7/8 para 1 3/4 o juro dos bilhetes do tesouro a 1 mês e de 2 1/8 para 2 o dos bilhetes do tesouro a 2 meses. Os outros não sofreram alteração. (Havas).

CURIOSIDADES

A secagem de pantanos na Italia

CATANIA, Sicilia, junho.—A uns centos de metros desta cidade existia muito brevemente uns 40.000 hectares de terrenos frutiferos, que até ha muito pouco tempo não eram mais que ninhos de rãs e de mosquitos. Ha dois que se começaram a secar os pantanos, e agora já uma grande parte do terreno poderá ser cultivado dentro em breve; o resto destes terrenos produzirá dentro de 15 anos mais de 1.600.000 quintais de trigo.

Estes futuros campos de trigo foram noutros tempos uma baía do Etna. Quando o rio Simeto estendeu o seu delta, essa baía foi-se enchendo pouco a pouco de terra e lodo até ficar convertida num pantano. Embora a Catania tenha perdido um porto terá como recompensa ricos e férteis terrenos. A corrente do rio Simeto é tão impetuosa na época das chuvas, que até ha muito pouco tempo não foi possível construir uma estrada por essa região pantanosa que conduzi-se ás pequenas cidades da Palagonia, Seordia, Aidone e Ramacca.

A primeira tentativa para secar esses pantanos data de 1900, mas fracassou por completo. Até que Mussolini não tomou conta do Poder não se tornou a fazer qualquer tentativa nesse sentido, porém os trabalhos agora fazem-se com surpreendente rapidez. Neles estão occupados mais de 2.000 trabalhadores. Ao mesmo tempo realizam-se trabalhos para a regularização do rio Simeto, e nas montanhas constroem-se diques e

presas para atender mais tarde á irrigação dos campos conquistados.

Para a cidade de Catania têm estas obras uma grande importancia, pois desde que se empreenderam diminuiu grandemente a malária em toda a região. A luta que o fascismo sustenta ha anos com tenacidade e intensidade, tem produzido excelentes resultados, pois o numero de mortes causadas pela malária encontra-se reduzido em 33 por cento. Em 1887 o numero de mortalidade causada pela malária ascendia a 21.033; em 1922 desceu para 4.085 e nos anos de 1930 até á data não tem sido mais que 2.781.

Actualmente trabalha-se em mais de 5 milhões de hectares de terrenos pantanosos, ninhos dos mosquitos que propagam a malária, a fim de os extinguir totalmente. Recentemente publicou-se uma lei pela qual se regula a luta contra a malária, a qual compreende instruções unitarias para combater os germes da doença. Todo o doente de malária recebe quinino gratuito do Estado, sendo gratuito também o tratamento medico, que se prolonga durante seis meses depois de ter passado a crise da enfermidade.

A luta contra os mosquitos efectua-se com toda a regularidade e sistematicamente, sendo extintos totalmente os ninhos, especialmente os que se encontram nas proximidades das cidades. (United Press).

Cafés com relógio contador

PARIS, junho.—Os proprietarios de cafés parisienses prepararam um rude golpe contra determinados clientes que, por tomarem uma chavena de café, se consideram no direito de permanecer no café todo o tempo que lhes apetece. Este direito vai agora ser posto em litigio por todos os proprietarios de cafés, «bars» e restaurantes. Este abuso chegou a pontos de um freguês que somente tomava uma chavena de café por 60 centimos, permanecer horas inteiras á mesa.

Especialmente no Quartier Latin tem sido a ruína dos proprietarios de cafés o facto de os estudantes—que têm uma constancia sem limites de estar sentados—permanecerem nos estabelecimentos mais de metade do dia, sem que bebam mais que uma misera chavena de café ou um copo de cerveja. Mais temíveis que os estudantes são os fregueses conhecidos por «boulevardiers», os quais passam um dia inteiro num café, geralmente no mesmo, não abandonando o seu lugar por nada deste mundo. A's 11 horas apresentam-se no estabelecimento e pedem um café ou um aperitivo que lhe custa dois francos, e vão bebendo agua ou gelo no decorrer das horas, e já de noite, têm ainda em frente do nariz a mesma chavena.

Na ultima reunião dos proprietarios

de cafés procurou-se a forma de combater estes clientes. Um propôs que se dessem instruções aos criados para que, com significativos olhares ou movimentos repetidos das cadeiras, dessem a entender ao cliente que já se podia retirar. Esta formula foi rejeitada por os velhos proprietarios saberem de ante mão que ela não conseguiria afastar dos seus estabelecimentos determinados clientes. Em compensação, outra proposta foi aprovada e muito em breve será posta em pratica. Cada cliente receberá um bilhete no qual está indicado o tempo que pode permanecer no estabelecimento, que foi assim calculado: vinho a copo ou cerveja, 15 minutos; café simples, 20 minutos; café com rum ou cognac, 30 minutos; aperitivos, 30 minutos; licor e café, 35 minutos; champagne, tempo ilimitado. No consumo do champagne não se fixou limitação de tempo ante a suposição muito provavel de que o cliente que pediu uma garrafa pedirá segunda.

O cliente que estiver no estabelecimento mais do que o tempo que lhe corresponde pagará, mesmo que não tenha pedido nem consumido, as importancias relativas ao consumo correspondente ao tempo que ali permaneceu. São estes, a largos traços, os futuros projectos dos proprietarios de cafés parisienses. (United Press).

Um ministro condenado por abuso de poder

TEHERAN, 27.—Teymourash, que está a cumprir a pena de 3 anos de prisão, por ter cometido abusos no exercicio das suas funções de ministro, acaba de ser condenado a mais 5 anos de prisão e multas no valor de 9 mil libras e 200 mil «rials» por aceitar gratificações em troca de serviços que prestou. (Havas).

As dividas de guerra

NOVA YORK, 27.—A secretaria dos Negocios Estrangeiros fixou, provisoriamente, a segunda quinzena de julho para o inicio das negociações com as potencias europeas, destinadas á solução do problema das dividas de guerra. O convite respectivo não será enviado, nem á França, nem á Belgica, nem á Polonia, que não fizeram os pagamentos de dezembro nem de junho. (Americana).

O RACISMO AUSTRIACO

OS NAZIS PRETENDIAM assassinar Dollfuss?

VIENA, 27.—O major Fey, secretario de Estado para a Segurança, afirmou que tinha provas de que os nazis austriacos pretendiam assassinar Dollfuss. A este facto ligase, ao que parece, a prisão de Fransenfeld.

O chefe racista de Viena protesta, indignadamente, contra a acusação e contra a sua captura. Afirma que se pretendeu criar um ambiente de terror para justificar as medidas tomadas contra os hitlerianos e que estes, apesar de considerarem o chanceler traidor á Patria, por se ter tornado, conscientemente, um joguete nas mãos da França e da Alemanha, acenando-lhe com um empréstimo internacional, que são os trinta-dinheiros de Judas, nunca poderiam ter pensado num crime.

Os nazis pretendiam conquistar o poder pelas vias legais, como fizeram os de Dantzig. A interdição do partido afasta-os da legalidade.

Terminou, dizendo que a dissolução do partido hitleriano foi consequencia duma ordem externa, por se saber que a proxima victoria do racismo representava o fim das manobras internacionais que têm a Austria por campo. (Americana).

O racismo germanico

BERLIM, 27.—Suprimidas as formações de combate do partido de Hugenberg e outros organismos partidarios, ficam apenas a existir, ao lado das tropas de assalto nazis, os «Capacetes de Aço», que, apesar de se terem integrado nas organizações hitlerianas, estão arriscados a sofrer a sorte dos nacionais alemães, por persistirem em manter uma autonomia relativa, sob a chefia de Selde. Entretanto, uma medida dessa natureza considera-se difficil e arriscada, em virtude de os capacetes de aço representarem uma grande força. (Americana).

O conflito de Leticia

RIO DE JANEIRO, 27.—O general Almeida Moura, comandante das forças brasileiras mandadas para a fronteira de Tabatinga, para garantirem a neutralidade do Brasil no conflito de Leticia, foi recebido com todas as honras no navio de guerra columbiano «Mosquera», pela comissão da S. D. N., encarregada de administrar o territorio conquistado pelo Peru e pela Colombia.

O general declarou, no final, que está assegurado o exito das negociações para a solução do conflito. (Americana).

Senhoras de cabelos louros

Muitas senhoras gostam de ter os cabelos louros, a grande moda actualmente em Paris. Para o conseguirem oxigenam-nos, ficando todos manchados ou pelo menos encarniçados. Há só uma unica forma de obter um lindo



louro dourado, usando a CAMOMILA VIREL pois que dispensa as tintas e permite fazer a Ondulação Permanente.

A venda nas boas casas Caixa 25 escudos. Pedidos á cobrança sem despesa ao Instituto Virél, R. da Saudade, 2-A-2.º telefone 2 0472.

Bons jantares, esmeradamente confeccionados, só na «Chic».

WHISKY
JOHNNIE WALKER
de fama mundial



Born 1820
— still
going strong



Dirigir-se a
A. MARINHO DA CRUZ, LDA,
Rua Nova do Almada, 80, LISBOA.

CRETONES E VELUDOS

As ultimas novidades

A CASA QUE MAIS VENDE E MAIS BARATO

MIGUEL DOS SANTOS, LTD.

102-RUA NOVA DO ALMADA-104 Telef. 25601

Odéon

Hoje as 21 e 15

VIDAS INTIMASNO PALCO — Maria do Céu Foz
(cantora) e Fraucelin Koenig

Edição das 5 horas

CHEVROLET 1933

Amanhã de manhã da exposição no Stand

Avenida da Liberdade, 206 a 210

O VOO ESPANHA-MEXICO

A NOTICIA DO DESASTRE e da morte dos aviadores confirma-se oficialmente

MEXICO, 27.—As regiões oficiais confirmam a noticia do aparecimento dos cadáveres de Barberan e Collar, na lagôa de Machona. A esta capital chegam noticias constantes e pormenorizadas acerca do desastre. Um dos aviadores da Eagle Company que voaram sobre a região comunicou que as noticias eram exactas.

A pessoa que encontrou os destroços do «Cuatro Vientos» é um homem digno de toda a confiança. Segundo as suas informações, o aparelho está despedaçado e inclinou-se sobre a asa direita. O motor também se partiu. Os cadáveres dos dois aviadores foram encontrados a 50 metros de distancia do aparelho.

Tanto o avião como os corpos dos tripulantes estavam escondidos entre as palmeiras, proximo da lagôa de Machona, na região de Alacran, que fica a 75 milhas a leste de Porto Mexico.

Desde porto saíram varias lanchas que se dirigem para Machona, a fim de transportar os cadáveres dos aviadores. O rebocador «Colombo» partiu com o mesmo destino, a fim de transportar os restos do avião.

O ministro dos Negocios Estrangeiros esteve esta manhã na embaixada de Espanha, a apresentar condolencias em nome do governo, que tem recebido numerosas manifestações de pesar. O sr. Alvarez del Vayo, acompanhado do mecanico espanhol Madariaga partiu hoje mesmo de avião para Porto Mexico, a fim de tomar conta dos cadáveres do capitão Barberan e do tenente Collar.

Antes de partir, o embaixador de Espanha manifestou o seu profundo reconhecimento pelo interesse que as autoridades mexicanas demonstraram pela sorte dos tripulantes do «Cuatro Vientos» e pelos esforços que realizaram para os encontrar. — (United Press)

Ainda ha duvidas?

MEXICO, 27.—O avião Charles Vaulhan, que voou sobre a região de Alacran, informa que os restos do avião que ali se encontram não são do «Cuatro Vientos», mas sim doutro aparelho da Eagle Company que desapareceu há tempos. Esta versão parece não ter fundamento, pois as autoridades de Porto Mexico continuam a tomar as suas providencias para o desembarque dos cadáveres de Barberan e Collar.

Por sua vez, o capitão Joaquim Vasquez, que também voou sobre a região de Alacran, confirma que os destroços que ali viu são, de facto, do avião espanhol «Cuatro Vientos». — (U. P.)

AGRADECIMENTO

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Albino Pacheco

Cumpro, com a maior satisfação, o dever de agradecer ao sr. dr. Albino Pacheco, com consultorio na rua Nova da Trindade, 9, a dedicação, zelo e competência com que me tratou da gravissima crise que atravessei durante e principalmente, depois da pneumonia que me acometeu, e que me deixou em estado de abatimento alarmante. A este illustre clinico devo a vida, não só pelo carinho e disvelo que desenhou, mais ainda pela persistencia e pela força moral que teve de prodigalizar em larga escala, porque nunca desistiu no meio da minha desgraça, quando eu proprio e a familia viamos o caso perdido, e tudo isto com o maior desinteresse, o que ainda dá mais realce á sua abnegação.

Manuel Pereira
T. do Almada, 20, 4.**F. RODRIGUES LTD.**Alfaiates e camiseiros — Socio
Tecnico David da Silva — Av. Republica, 19**CARTA DE MADRID**

As ultimas manifestações religiosas tiveram um caracter de rebeldia contra o regime republicano

(Do nosso correspondente particular)

MADRID, junho.—Madrid amanheceu engalanada, como uma cidade de provincia em dia de festa anual. Um sol lindo, um céu sem nuvens, cantou a alvorada do verão.

Nesta atmosfera ebria de luz e alegria, as ruas convidavam a passeios amenos e ao desfile de morenas castizas.

Mas os catholicos tinham determinado que esse dia, o primeiro com que nos brindava o verão, assumisse um significado politico. O Sagrado Coração de Jesus havia de converter-se em bandeira contra o regime.

A Acção Catolica, os centros catholicos e todos os inimigos da Republica queriam mostrar ostensivamente a sua discordancia com a dissolução das Ordens Religiosas e a sua simpatia pela obra dos discipulos de Loyola.

A cidade appareceu, por isso, como um navio de guerra em dia de revista a bordo. As colchas brancas com franjas encarnadas cintilavam num alarde de religiosidade.

Nas fachadas de sumptuosos palacios os damascos recordavam os dias faustos, em que Madrid era «villa y corte».

Nos arranha-céus imponentes as insignias tremulavam projectando no azul o sangue vermelho do pregador da Galilea.

Nos bairros de Salamanca, Hospicio e Gran Via, os predios majestosos de marmores e cimento têm vergonha de ostentar menos de dez andares, a profusão desses simbolos era enorme.

Na maioria dos casos as insignias do catholicismo, que o eram igualmente do pavilhão dos reis de Castela e Aragão, adejavam ao vento, ocultando as balastradas e varandas. Na parte central da cidade a imensa maioria das casas ostentava também colgaduras. E como ninguém vai aos bairros populares, o observador inteirado da vida da cidade tem a impressão de que a capital em peso chorava as desditas do rei destronado.

As direitas teriam assim conseguido realizar o seu objectivo. Alguns dos seus membros mais engenhosos haviam mesmo pintado no reverso das

colgaduras as côres da bandeira monarquica, o que completava o quadro.

Nas primeiras horas da manhã a gente que ia para os seus empregos ficou admirada ao contemplar tantas colchas e insignias.

Pouco a pouco a reacção foi-se manifestando. Os populares principiaram por protestar contra as bandeiras duvidosas que dum lado eram catholicas e do outro monarchicas. Depois, o protesto generalizou-se e a capital transformou-se num vasto formigueiro, onde se tornava difficil o transito.

Em todas as ruas surgiam nucleos de republicanos, socialistas e comunistas assobiando os donos das casas engalanadas e pedindo que retirassem as insignias. E em quasi todos appareceram senhoritas cavernicolas, como aqui se diz, negando-se a aceder a essas pretensões. Como todos os movimentos populares, exacerbados pela insolencia dos incompreensivos, este também degenerou em violencias. Escaladores improvisados subiram num alarde de gymnastica, de varanda em varanda arrancando bandeiras que a multidão queimava entre salvas de palmas. Em alguns sitios os vidros das casas foram quebrados.

O governo que tinha prohibido uma manifestação laica que os partidos da esquerda projectavam, não pôde assim evitar uma manifestação geral do povo. Como o madrileno tem imaginação, houve episodios picarescos. As raparigas tocaram-se com gorros frigos e os rapazes arvoraram bandeiras encarnadas levando pintada a negro a figura do diabo.

Os bombeiros tiveram que subir a alguns andares, para tirar as bandeiras e os guardas de assalto não deixaram de correr.

O dia que amanheceu carrancudo, transformou-se numa imponente jornada republicana. A democracia saiu triunfante desta prova, graças precisamente aos exageros dos seus inimigos, cuja ousadia provocou uma reacção salutar. O facto de haver apenas dois feridos, depois de horas de incessantes manifestações, veio confirmar o civismo do povo madrileno que sabe fazer ouvir a sua voz, sem aggressividades, nem estridencias, dentro dum espirito humanitario, que não se compadece com crueldades.

O Diário de Lisboa

publicará em 2.ª edição o relato desenvolvido do desafio

SPORTING - F. C. DO PORTO

para o que montou uma linha directa que liga o campo
do Arnado á nossa Redacção**Odéon**

HOJE - Ultima da fita

VIDAS INTIMAS

Amanhã sensacional estreia da fita da Metro

Enfermeiras de guerra

com Anita Page e Roberto Montgomery

No Palco: A distinta cantora Maria do Céu Foz
e a ballarina Anita Koenig**A SITUAÇÃO ALEMA**

Hitler exalta as virtudes do regime e fala da sua popularidade

BERLIM, 27.—O chanceler Hitler concedeu uma entrevista ao representante da «United Press», durante a qual lhe manifestou o desejo de que a America não o prejudique, nem a Alemanha, acrescentando que o povo alemão deve resolver os problemas que o preocupam de acordo com os seus proprios metodos.

Hitler pediu ao jornalista que fosse o interprete das suas saudações ao «consciencioso povo americano» e que o aconselhasse a basear sempre as suas criticas ao regime hitleriano em informações autenticas.

Hitler começou a falar em seguida primeiro de vagar e em voz baixa, animando-se gradualmente e empregando gestos energicos, á medida que queria acentuar os pontos que lhe interessavam.

Foi com grande calor que o chanceler atacou as democracias parlamentares.

«A ideia da direcção pessoal, declarou com energia, é o principio de hoje e de amanhã. O Parlamento não exprime a vontade do povo; funciona quasi exclusivamente em nome dos chamados grandes interesses. O que são os Parlamantos? Simples consorcios que trabalham sobre o principio do dominio da maioria, sem assumirem a responsabilidade dos seus actos. A direcção pessoal, pelo contrario, funda-se no principio dum só que assume as responsabilidades.

«E o que é uma ditadura? Todas as grandes empresas triunfantes são dirigidas sobre a base da responsabilidade unica e valorosa. Quando as coisas começam a marchar mal, os governos ameaçam banca-rotas e o povo se esconde, tem de se recorrer forçosamente ás juntas conservadoras, que não são mais do que uma ditadura.

Referindo-se ás relações austro-alemas e interrogado sobre se acreditava que o chanceler Dollfuss se aguentasse no poder até ao fim do ano, Hitler respondeu com firmeza:

—Ouvirá dizer em toda a parte que Dollfuss se encontra, na Austria, nas mesmas condições de Hitler, na Alemanha. Ora, esta afirmação implica um ligeiro erro. Eu não estou a suprimir a maioria com a ajuda da minoria. Não me oculto por detrás seja do que for. O poder que tenho hoje alcanço-o legalmente. Estive e estarei sempre disposto a apelar para o povo alemão. Todos sabem que se recorresse hoje a um plebiscito nacional, alcançaria 75 a 80 por cento das votações.

E acrescentou, com satisfação: —Não necessito da protecção do povo. Defendo-me dele e ele defende-se de mim. Se anunciasse que ás 15 e 45 passava na Unter den Linden, as ruas que ali conduzem estariam a essa hora apinhadas de gente que me ovacionaria debrantemente. O mesmo succede por toda a parte do Imperio. A força do regime e a satisfação do povo cresce de dia para dia.

Referindo-se de novo a Dollfuss, Hitler afirmou que não se pode lutar sempre contra duas forças—uma nacional e outra internacional. Por isso, considera a empresa de Dollfuss condenada desde a primeira hora.

Quando Hitler terminou as suas declarações, o jornalista perguntou-lhe se tinha alguma mensagem para o povo americano. O chanceler perfilou-se e respondeu:

—Tenho só o imenso desejo de que o povo consciente dos Estados Unidos não me prejudique, acreditando nas informações malevolas que lhe levam». — (United Press)